

O Evangelho segundo o Espiritismo



Allan Kardec

CAPÍTULO V – Bem-aventurados os aflitos

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO V)

Índice

Capítulo V – Bem-aventurados os aflitos	04
Justiça das aflições	04
Justiça das aflições	18
Causas atuais das aflições	04
Buscando respostas	21
Causas anteriores das aflições	05
Causas anteriores das aflições	23
Esquecimento do passado	07
Justificativas do esquecimento do passado	24
Motivos de resignação	08
Os latidos da Fifi	28
O suicídio e a loucura	09
Suicídio e a Loucura	30
Instruções dos Espíritos. Bem e mal sofrer	10
Bem & mal sofrer	32
O mal e o remédio	10
O bem e o mal	34
A felicidade não é deste mundo	11
A felicidade não é deste mundo	36
Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras	12
Por que sofremos?	38
Se fosse um homem de bem, teria morrido	13
Um minuto com Chico Xavier	40
Os tormentos voluntários	13
Missão do homem inteligente na Terra	41

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO – (CAPÍTULO V)

A desgraça real	14
A inveja que mata	43
A melancolia	14
Desânimo e desassossego	46
Provas voluntárias. O verdadeiro cilício	15
Escolha das provas	47
Dever-se-á pôr termo às provas do próximo?	16
Respeitemos a vida. Eutanásia, não!	49
Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura?	16
Levantou o véu da eutanásia	52
Sacrifício da própria vida	17
Em torno da dor	56
Proveito dos sofrimentos para outrem	17
A vida em família	57

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec
Capítulo V – Bem-aventurados os aflitos

1. Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados. — Bem-aventurados os famintos e os sequiosos de justiça, pois que serão saciados. — Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois que é deles o reino dos céus.

(S. MATEUS, cap. V, vv. 5, 6 e 10.)

2 Bem-aventurados vós que sois pobres, porque vosso é o reino dos céus. — Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. — Ditosos sois, vós que agora chorais, porque rireis. (S. LUCAS, cap. VI, vv. 20 e 21.) Mas, ai de vós, ricos que tendes no mundo a vossa consolação. — Ai de vós que estais saciados, porque tereis fome. Ai de vós que agora rides, porque sereis constrangidos a gemer e a chorar.

(S. LUCAS, cap. VI, vv. 24 e 25.)

1. Justiça das aflições

3. Somente na vida futura podem efetivar-se as compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra. Sem a certeza do futuro, estas máximas seriam um contrassenso; mais ainda: seriam um engodo. Mesmo com essa certeza, dificilmente se compreende a conveniência de sofrer para ser feliz. É, dizem, para se ter maior mérito. Mas, então, pergunta-se: por que sofrem uns mais do que outros? Por que nascem uns na miséria e outros na opulência, sem coisa alguma haverem feito que justifique essas posições? Por que uns nada conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir? Todavia, o que ainda menos se compreende é que os bens e os males sejam tão desigualmente repartidos entre o vício e a virtude; e que os homens virtuosos sofram, ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode consolar e infundir paciência, mas não explica essas anomalias, que parecem desmentir a justiça de Deus. Entretanto, desde que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa. Isso o de que cada um deve bem compenetrar-se. Por meio dos ensinamentos de Jesus, Deus pôs os homens na direção dessa causa, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, lhes revela completamente a aludida causa, por meio do Espiritismo, isto é, pela palavra dos Espíritos.

Crônicas e Artigos

Nº 156 – 02/05/2010

O Consolador – (Gebaldo José de Sousa)

I. Justiça das aflições

Justiça das aflições

“Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão.”
– Jesus. (Mt, 26:52.)

Ao ignorar a Lei de Causa e Efeito e as vidas sucessivas, dirá o homem que Deus é injusto. Ou que não existe. E dirá:

“Por que sofrem uns mais do que outros? Por que nascem uns na miséria e outros na opulência, sem coisa alguma haverem feito que justifique essas posições? Por que uns nada conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir? (1)

Mas Ele existe; e nossas dores provêm de transgressões às Suas Leis.

“As vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa.”

“Por meio dos ensinamentos de Jesus, Deus pôs os homens na direção dessa causa, e hoje, lhes revela completamente a aludida causa, por meio do **Espiritismo**” (2)

Respondemos por nossos atos e seus efeitos:

“O Filho do homem retribuirá a cada um conforme as suas obras”. – Jesus. (Mt, 16:27.)

Léon Denis, filósofo francês, amplia a compreensão do tema:

“Cada um desses atos executa sua evolução e volta com seus efeitos, bons ou maus, para a fonte que os produziu. O mal, do mesmo modo que o bem, torna ao seu ponto de partida.

As paixões e malefícios do ser humano produzem resultados, sempre idênticos, aos quais ele não pode subtrair-se.

O orgulhoso prepara para si um futuro de humilhações, o egoísta cria o vácuo ou a indiferença, e duras provações esperam os sensuais.

A história da Terra é uma urdidura de homicídios e de iniquidade.

Ora, todos esses séculos ensanguentados, todas essas existências de desordens reúnem-se na vida presente como afluentes no leito de um rio.

Os Espíritos que compõem a sociedade atual nada mais são que homens de outrora, que vieram sofrer as consequências de suas vidas anteriores.

Formada de tais elementos, como poderia a humanidade viver feliz?

“Isso nos faz sentir a necessidade de melhorar o meio social, esclarecendo os nossos semelhantes sobre a causa dos males comuns.” (3)

“O Pai não coloca fardos pesados em ombros frágeis.”

Os Espíritos aclaram esse conceito: nas vidas sucessivas, somamos experiências que nos amadurecem. Só aí, aptos para suportar provas e aprender as lições delas advindas, submetem-nos a agudas expiações, para corrigir-nos.

Ao contrário do que se prega, Ele não castiga, mas educa.

Não foram casuais as mortes de João Batista e a dos ‘inocentes’

– crianças de dois anos para baixo, em Belém e arredores, por ordem de Herodes.

As ‘vítimas’ sofriram efeitos de ações anteriores, praticadas por elas mesmas.

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

Revela Bittencourt Sampaio, Espírito, (4) que João Batista, na fortaleza de Herodes, volve em espírito ao passado. Recorda erros cometidos na personalidade de Moisés; e aqueles em que foi o personagem Elias e mandara trucidar profetas do deus pagão, Baal.

Rende graça a Jesus por resgatar essas faltas; por ser o Percursor e, ainda. Por vir à Terra, seguido pelos filhos da tribo de Levi – supostos inocentes – para, como ele, entregarem suas cabeças e se redimirem de seus erros. Eis as origens dessas dores:

I) Êxodo 32-25/29: Moisés manda matar os idólatras (adoradores do bezerro de ouro). Ordens que os filhos de Levi – futuros ‘inocentes’ - executaram;

II) I Reis 18-20:40: Elias manda que se mate os sacerdotes de Baal, ao vencê-los na disputa: incendiaria a lenha em um altar, sem fogo, aquele cujo Deus fosse verdadeiro. (5)

Muitos perderam a vida por suas decisões; mas, nas personalidades de Moisés, Elias e João Batista, praticou a caridade. Assim, degolado apenas uma vez, redimiu-se desses erros; comprovando que a Lei apenas educa; que não é vingativa.

Provações pessoais são intransferíveis, mas podem ser suavizadas se praticamos o bem.

“Porque o amor cobre multidão de pecados”. – (1Pe, 4:8.)

Não há, pois, injustiças nas Leis divinas – tudo tem sua causa –;nem privilégios, eis que, se existissem, João Batista não teria sido degolado:

“Entre os nascidos de mulher, ninguém é maior do que João”. – Jesus. (Lc, 07:28.)

Aflições morais ou físicas são criações nossas.

Resultam de nossos pensamentos e obras, quer lesemos terceiros, que o façamos a nós mesmos, como o suicídio.

Emmanuel, Espírito, responde à indagação:

“A mente invigilante pode instalar doenças no organismo?”

“A mente é mais poderosa para instalar doenças e desarmonias do que todas as bactérias e vírus conhecidos.”

“Desequilíbrios e moléstias surgem também da imprudência e do desmazelo, da revolta e da preguiça. Pessoas que se embriagam; que esquecem a higiene até se tornarem presas de parasitas destruidores; que se encolerizam pelas menores razões; ou que passam todas as horas em redes e leitos, poltronas e janelas, sem coragem de vencer a ociosidade e o desânimo” geram doenças para si mesmas, nas atitudes de hoje mesmo, sem qualquer ligação com causas anteriores de existências passadas”. (6)

Não há perdão mágico, gratuito, sem transformação interior e reparação dos erros cometidos, como tradicionalmente apregoado. Nem há demônios fadados à condenação eterna.

“Das ovelhas que o Pai me confiou, nenhuma se perderá.”

- (Citação de Emmanuel) (7).

Jesus (Jo, 8:32) assinala que o conhecimento da Verdade libertar-nos-á de todos os males; entre eles, do egoísmo, da maldade e, certamente, do “inferno eterno”.

Oferece-nos, no Evangelho, diretriz perfeita à conquista da saúde espiritual – que se estenderá aos corpos de futuras encarnações – ao nos recomendar fazer aos outros aquilo que desejamos para nós e evitar a prática do mal aos semelhantes.

Referências:

1. **Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. V, p. 98.)

2. **Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. V, p. 98.)

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

3. **Denis Léon**, Depois da Morte, (Pagina 238 a 241.)
4. **Bittencourt Sampaio**, Jesus Perante a Cristandade. (Pagina 56-57.)
5. **Bíblia Sagrada**.
6. **Emmanuel**, Leis de Amor, (psicografia Chico Xavier e Waldo Vieira).
7. **Emmanuel**, Roteiro, (psicografia Chico Xavier), (39, p. 163)

2. Causas atuais das aflições

4. De duas espécies são as vicissitudes da vida, ou, se o preferirem, promanam de duas fontes bem diferentes, que importa distinguir. Uma têm sua causa na vida presente; outras, fora desta vida.

Remontando-se à origem dos males terrestres, reconhecer-se-á que muitos são consequência natural do caráter e do proceder dos que os suportam.

Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho e de sua ambição!

Quantos se arruinam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos!

Quantas uniões desgraçadas, porque resultaram de um cálculo de interesse ou de vaidade e nas quais o coração não tomou parte alguma!

Quantas dissensões e funestas disputas se teriam evitado com um pouco de moderação e menos suscetibilidade!

Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos do todo gênero!

Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não lhes combateram desde o princípio as más tendências! Por fraqueza, ou indiferença, deixaram que neles se desenvolvessem os germens do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que produzem a secura do coração; depois mais tarde, quando colhem o que semearam, admiram-se e se afligem da falta de deferência com que são tratados e da ingratidão deles.

Interroguem friamente suas consciências todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida; remontem passo a passo à origem dos males que os torturam e verifiquem se, as mais das vezes, não poderão dizer: Se eu houvesse feito, ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição.

A quem, então, há de o homem responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? O homem, pois, em grande número de casos, é o causador de seus próprios infortúnios, mas em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade acusar a sorte, a Providência, a má fortuna, a má estrela, ao passo que a má estrela é apenas a sua incúria.

Os males dessa natureza fornecem, indubitavelmente, um notável contingente ao cômputo das vicissitudes da vida. O homem as evitará quando trabalhar por se melhorar moralmente, tanto quanto intelectualmente.

5. A lei humana atinge certas faltas e as pune. Pode, então, o condenado reconhecer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não atinge, nem pode atingir todas as faltas; incide especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade e não sobre as que só prejudicam os que as cometem, Deus, porém, quer que todas as suas criaturas progridam e, portanto, não deixa impune qualquer desvio do caminho reto. Não há falta alguma, por mais leve que seja, nenhuma infração da sua lei, que não acarrete forçosas e inevitáveis consequências, mais ou menos deploráveis. Daí se segue que, nas pequenas coisas, como nas grandes, o homem é sempre punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos que decorrem do pecado são-lhe uma advertência de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar para, de futuro, evitar o que lhe originou uma fonte de amarguras; sem o que, motivo não haveria para que se emendasse. Confiante na impunidade, retardaria seu avanço e, conseqüentemente, a sua felicidade futura. Entretanto, a experiência, algumas vezes, chega um pouco tarde: quando a vida já foi desperdiçada e turbada; quando as forças já estão gastas e sem remédio o mal. Põe-se então o homem a dizer: “Se no começo dos meus dias eu soubesse o que sei hoje, quantos passos em falso teria evitado! Se houvesse de recomeçar, conduzir-me-ia de outra maneira. No entanto, já não há mais tempo!” Como o obreiro preguiçoso, que diz: “Perdi o meu dia”, também ele diz: “Perdi a minha vida”. Contudo, assim como para o obreiro o Sol se levanta no dia seguinte, permitindo-lhe neste reparar

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

o tempo perdido, também para o homem, após a noite do túmulo, brilhará o Sol de uma nova vida, em que lhe será possível aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

Crônicas e Artigos

Nº 104 – 26/04/2009

O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

Buscando respostas

II. Causas atuais das aflições

– Por que sofro tanto?

– Por que tantas dificuldades à realização dos meus desejos?

– O que fiz para merecer tudo isso?

Estas perguntas – que fazemos com frequência – não estão ligadas apenas ao aspecto material da vida, mas, também, à saúde, à afetividade, aos problemas de ordem emocional, moral ou profissional. Por essa razão, Deus nos enviou Jesus, a fim de que Ele colocasse em nossos corações e em nossas mentes o entendimento das Leis divinas, através dos Seus ensinamentos que, de forma amorosa, nos convidam a meditar sobre esses pesares e dificuldades pelos quais passamos.

Deus não possui dois pesos e duas medidas, mas nós achamos que sim. Todas as vezes que os problemas nos pesam, pensamos que Ele é injusto, porque consideramos nosso sofrimento maior do que o do outro. Mas, ao contrário, se o outro sofre é porque deve merecer. Estabelecemos, assim, uma imagem de Deus à semelhança do homem: do homem que privilegia uns em detrimento de outros, que é parcial, que age por capricho; do homem que não percebe que, se Deus é bom para com ele, também é bom para com o outro.

E se Ele é todo Bondade e Justiça – e sem essas perfeições não seria Deus –, então a causa de cada sofrimento, seja grande ou pequena, também é justa.

O que dificulta nosso entendimento é não conhecer as razões das nossas **aflições**. O Evangelho segundo o Espiritismo, em seu capítulo 5, consolando e trazendo esperança, nos mostra que elas podem ter suas causas ainda nesta encarnação ou em encarnações passadas.

Assim, para procurarmos as causas atuais das nossas **aflições**, necessitamos compreender a **ESSÊNCIA** dos atos que praticamos nas nossas atividades diárias, pois não basta obedecer às leis humanas, é indispensável que examinemos a qualidade dessas atitudes, pois aquilo que semearmos será devolvido a nós, porque isto é da Lei de Deus.

Somos livres para plantar, mas seremos obrigados a colher aquilo que plantarmos. E se consultarmos nossa consciência, na busca da fonte de tantas aflições, ela, certamente, nos dirá: “se não tivesse feito tal coisa isso não teria acontecido e eu não estaria nessas condições”!

Entretanto, ao invés, de nos reconhecermos como criadores do próprio sofrimento, buscamos fora de nós essas causas. Primeiro culpamos a Deus, depois a sorte, depois outras pessoas e, por fim, outras tantas causas. Na verdade, essas dificuldades são uma advertência de que andamos mal. Isso é tão verdadeiro que muitas vezes dizemos ou ouvimos dizer:

“Se soubesse antes o que sei hoje, quantas coisas teria evitado”!

Mas as causas desses sofrimentos também podem estar em plantios antigos, de outras vidas, feitos sem cuidado e que nos obrigam, hoje, a, colheitas amargas. Dessa maneira, se hoje colhemos **aflições** e sofrimentos, certamente plantamos angústias e penalidades; se colhemos dificuldades materiais, devemos ter semeado o desperdício, pensando somente em nós, na satisfação egoísta de nossos desejos e caprichos; como, também, não podemos colher paz se semearmos discórdias, ou colher alegria se plantamos tristezas, ou, ainda, colher amor se plantamos mágoas e desamor. É da Lei Divina que tudo retorna à fonte de emissão.

Ademais, o ontem já passou e nada mais podemos fazer. Todavia, neste momento, através de uma mudança nas nossas atitudes, nos nossos pensamentos, podemos iniciar outra semeadura, com vistas a um futuro mais feliz. Cabe somente a nós mudarmos esse quadro, hoje. Se desejarmos no futuro uma colheita farta e de boa qualidade, precisamos cuidar do que estamos plantando hoje, agora, neste momento.

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

Jesus é o Grande Semeador e se Ele encontrar em nós solos propícios, adubados com a boa vontade, a esperança, o amor e a resignação diante dos desígnios de Deus, e não mais mágoas ou queixumes, as sementes que Ele depositar em nós brotarão e se cumprirá a promessa que Ele nos fez, em nome do Pai: aqueles que souberem aproveitar essas corrigendas que Deus nos dá, através dos sofrimentos, terão o Reino de Deus, terão a felicidade plena.

Muitos dizem que a felicidade não é deste mundo. Mas ela é sim. É do mundo de luz que cada um de nós cria dentro de si na luta contra as tendências inferiores, que nos afastam de Deus e que nos trazem um sentimento de desesperança e de profundo pesar.

A felicidade é deste mundo sim; não do mundo de necessidades fantasiosas, mas do mundo do amor ao próximo pela tolerância, pela aceitação do outro como ele é, pela alegria de ser útil sem querer nada em troca.

Vamos, pois, fazer novos plantios, tornando-nos uma pequena luz a espalhar o exemplo do amor por onde passarmos.

Referências:

Kardec, Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Capítulo 5.)

Emmanuel, Vinha de Luz (lição 40) (psicografia Chico Xavier.)

Emmanuel, Fonte Viva, (lição 16) (psicografia Chico Xavier.)

3. Causas anteriores das aflições

6. Mas, se há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções aconselhadas pela prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo, etc.

Os que nascem nessas condições, certamente nada hão feito na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte, que não podiam evitar, que são impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiseração pública. Por que, pois, seres tão desgraçados, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos de todos os modos?

Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas são esses que ainda nenhuma filosofia pôde resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se se verificasse a hipótese de ser criada a alma ao mesmo tempo que o corpo e de estar a sua sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas, que acabam de sair das mãos do Criador, para se verem, neste mundo, a braços com tantas misérias e para merecerem no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, visto que não hão podido praticar nem o bem, nem o mal?

Todavia, por virtude do axioma segundo o qual todo efeito tem uma causa, tais misérias são efeitos que hão de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus.

O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: “Perdoa-me, Senhor, porque pequei.”

7. Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos etc.

Assim se explicam pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia, contudo, só existe na aparência, porque considerada tão só do ponto de vista da vida presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que lhe compete, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e verá que a Justiça de Deus nunca se interrompe.

Jamais deve o homem olvidar que se acha num mundo inferior, ao qual somente as suas imperfeições o conservam preso. A cada vicissitude, cumpre-lhe lembrar de que, se pertencesse a

um mundo mais adiantado, isso não se daria e que só de si depende não voltar a este, trabalhando por se melhorar.

8. As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Os Espíritos penitentes, porém, desejosos de reparar o mal que hajam feito e de proceder melhor, esses as escolhem livremente. Tal o caso de um que, havendo desempenhado mal sua tarefa, pede lha deixem recomeçar, para não perder o fruto de seu trabalho. As tribulações, portanto, são ao mesmo tempo, expiações do passado, que recebe nelas o merecido castigo, e provas com relação ao futuro, que elas preparam. Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, faculta ao homem reparar seus erros e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta,

9. Não há crer, no entanto, que todo sofrimento suportado neste mundo denote a existência de uma determinada falta. Muitas vezes são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu processo. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Provas e expiações, todavia, são sempre sinais de relativa inferioridade, porquanto o que é perfeito não precisa ser provado. Pode, pois, um Espírito haver chegado a certo grau de elevação e, nada obstante, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais recompensado será, se sair vitorioso, quanto mais rude haja sido a luta. Tais são, especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parece nada de mau haverem trazido de suas precedentes existências e que sofrem, com resignação toda cristã, as maiores dores, somente pedindo a Deus que as possam suportar sem murmurar. Pode-se, ao contrário, considerar como expiação as aflições que provocam queixas e impedem o homem à revolta contra Deus.

Sem dúvida, o sofrimento que não provoca queixumes pode ser uma expiação, mas é indício de que foi buscada voluntariamente, antes que imposta, e constitui prova de forte resolução, o que é sinal de progresso.

10. Os Espíritos não podem aspirar à completa felicidade, até que não se tenham tornado puros: qualquer mácula lhes interdita a entrada nos mundos ditosos. São como os passageiros de um navio onde há pestosos, aos quais se veda o acesso à cidade a que aportem, até que hajam expurgado. Mediante as diversas existências corpóreas é que os Espíritos se vão expungindo, pouco a pouco, de suas imperfeições. As provações da vida os fazem adiantar-se, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam. São o remédio que limpa as chagas e cura o doente. Quanto mais grave é o mal, tanto mais enérgico deve ser o remédio. Aquele, pois, que muito sofre deve reconhecer que muito tinha a expiar e deve regozijar-se à ideia da sua próxima cura. Dele depende, pela resignação, tornar proveitoso o seu sofrimento e não lhe estragar o fruto com as suas impaciências, visto que, do contrário, terá de recomeçar.

Crônicas e Artigos

Nº 145 – 14/02/2010

O Consolador – (Valci Silva)

III. Causas anteriores das aflições

Causas anteriores das aflições

Ninguém se constrói sozinho. Somos construídos e construtores da nossa personalidade. Somos construídos pela carga genética, pelo sistema social, pelo ambiente educacional e pela atuação do eu através das vidas sucessivas.

As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Os Espíritos penitentes, porém, desejosos de reparar o mal que hajam feito e de proceder melhor, esses as escolhem livremente.

Tal o caso de um que, havendo desempenhado mal sua tarefa, pede lha deixem recomeçar, para não perder o fruto de seu trabalho. As tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que recebem nelas o merecido castigo, e provas com relação ao futuro, que elas preparam.

“Aquele, pois, que muito sofre deve reconhecer que muito tinha a expiar e deve regozijar-se à ideia da sua próxima cura. Dele depende, pela resignação, tornar proveitoso o seu sofrimento e não lhe estragar o fruto com as suas impaciências, visto que, do contrário, terá de recomeçar.”

“Não há crer, no entanto, que todo sofrimento suportado neste mundo denote a existência de uma determinada falta. Muitas vezes são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua depuração e ativar o seu progresso. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação.”

“Pode, pois, um Espírito haver chegado a certo grau de elevação e, nada obstante, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais recompensado será, se sair vitorioso, quanto mais rude haja sido a luta.

O senso comum diz que “os sofrimentos, os erros, as perdas amadurecem espontaneamente as pessoas. Em nossa prática clínica essa tese não é defensável. Não se engane! A maioria das pessoas piora seus níveis de tranquilidade e serenidade à medida que sofre. O sofrimento só nos enriquece quando intuitiva ou racionalmente o trabalhamos.”

O senso comum diz que “quem não aprende com o amor, aprende com a dor”. A dor ensina, mas não é uma excelente mestra.

“A dor só se torna uma mestra quando nós nos tornamos seu mestre, quando nos interiorizamos, refletimos, desenvolvemos consciência crítica, quando nos humanizamos. Caso contrário, a dor produz zonas de conflitos, criando janelas de memórias destrutivas, portanto será inútil, algoz, destruidora.”

Em verdade Jesus ensinou que se o sofrer for usado com resignação e entendimento pode levar à reparação através do perdão, da caridade e do amor: caminho único da reparação. A grande regra que Jesus deixou: Deus não perdoa baseado em simples arrependimento, mas sim mediante a reforma no pensar, sentir e principalmente no agir, quando ensinou: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida – ninguém vai ao pai senão por mim”.

Ele disse que não tinha vindo trazer paz à Terra, mas a espada, que veio para separar o pai do filho, o filho da nora, e o homem da mulher. Interpretados ao pé da letra, podemos concluir que esses ensinamentos não foram veiculados pelo mestre.

E essa violência é contra o nosso maior inimigo, que é o nosso ego.

“O espírita não envolvido com o estudo da Doutrina Espírita, de conhecimento superficial, tende a imaginar que as dores do mundo são cármicas e que estamos aqui para sofrer e tudo o que nos faz sofrer é resgate de dívidas.”

“O homem, como que de intento, cria para si tormentos que está em suas mãos evitar.

“A dor não resolvida de hoje é o sofrer de amanhã.” Portanto, Sofrer sinaliza falta de reforma íntima no tempo certo. Como ensinou Jesus: a quem muito for dado, mais será solicitado: “pela própria consciência”.

Para espíritas e espiritualistas o sofrer é menos desculpável do que para os outros. Toda essa realidade nos remete ao “conhece-te a ti mesmo” de Sócrates, quando este nos diz que “uma vida

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

sem reflexão não merece ser vivida”, assim como ensinou Santo Agostinho: “Este mundo é um mundo de construção da alma”.

4. Esquecimento do passado

11. Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entravar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.

Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido.

Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial.

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se se vê punido, é que praticou o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações.

Aliás, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Voltando à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado; nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, a qual não obsta a que, no dia seguinte, nos recordemos do que tenhamos feito na véspera e nos dias precedentes.

E não é somente após a morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode dizer-se que jamais a perde, pois que, como a experiência o demonstra, mesmo encarnado, adormecido o corpo, ocasião em que goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre com justiça. A lembrança unicamente se apaga no curso da vida exterior, da vida de relação. Mas, na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicá-lo nas suas relações sociais, forças novas haure ele nesses instantes de emancipação da alma, se os sabe aproveitar.

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 83 – 23/11/2008

O Consolador – (Thiago Bernardes)

IV. Esquecimento do passado

Justificativa do esquecimento do passado

Nossas tendências instintivas são uma reminiscência do passado

1. O esquecimento do passado, que é considerado a mais séria objeção oposta à lei de reencarnação, dá ensejo aos seus antagonistas de proporem indagações como estas:

- Se o homem viveu antes, por que não se lembra de suas existências anteriores?
- Se não se lembra das existências passadas, como pode aproveitar a experiência adquirida nelas?
- Se não recorda o que fez ou o que aprendeu no passado, cada existência não seria para ele qual se fosse a primeira? Não estaria ele, desse modo, sempre a recomçar?

2. Allan Kardec dá-nos em “O Livro dos Espíritos”, em linguagem clara e concludente, uma explicação lógica e uma resposta convincente às referidas indagações.

3. Não temos durante a existência corpórea, reconhece Kardec, lembrança exata do que fomos e do que fizemos nas anteriores existências, mas possuímos disso a intuição, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado. Não fossem a nossa consciência e a vontade que experimentamos de não reincidir nas faltas já cometidas, seria difícil resistir a tais pendoros.

4. A aptidão para essa ou aquela profissão, a maior ou menor facilidade nessa ou naquela disciplina, as inclinações interiores – eis elementos que não teriam justificativa se não existisse a reencarnação. Com efeito, se a alma fosse realmente criada junto com o corpo da criança, as pessoas deveriam revelar igual talento e idênticas predileções, mas não é isso que vemos. Os que têm filhos sabem muito bem quão diferentes eles são, conquanto criados no mesmo ambiente e recebendo os mesmos estímulos.

O esquecimento do passado atesta a bondade do Criador

5. No esquecimento das existências anteriores, sobretudo quando foram amarguradas, há efetivamente algo de providencial e que atesta a bondade e a sabedoria do Criador. Tal como se dá com os sentenciados a longas penas, todos nós desejamos apagar da memória os delitos cometidos e felizes ficamos quando a sociedade não os conhece ou os relega ao esquecimento.

6. A razão desse desejo é fácil de explicar. Frequentemente – ensina o Espiritismo – renascemos no mesmo meio em que já vivemos e estabelecemos de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes tenhamos feito. Se reconhecêssemos nelas criaturas a quem odiamos, talvez o ódio despertasse outra vez em nosso íntimo, e ainda que tal não ocorresse, sentir-nos íamos humilhados na presença daquelas a quem houvéssemos prejudicado ou ofendido.

7. É preciso ter em conta ainda um outro dado: o esquecimento do passado ocorre apenas durante a existência corpórea. Voltando à vida espiritual, mesmo que não recobremos de imediato a lembrança das existências passadas, readquirimos informações suficientes que nos situem perante as pessoas do nosso círculo. Não existe, portanto, esquecimento, mas tão-somente uma interrupção temporária das nossas recordações. Livres da reminiscência de um passado certamente importuno, podemos viver com mais liberdade, como se déssemos início a uma nova história.

8. Suponhamos ainda que, em nossas relações, em nossa família mesma, se encontre um indivíduo que nos deu, outrora, motivos reais de queixa, que talvez nos tenha arruinado ou desonrado, e que, arrependido, reencarnou-se em nosso meio, a fim de reparar suas faltas. Se nós e ele lembrássemos as peripécias do passado, ficaríamos na mais embaraçosa posição, que em nada contribuiria para a renovação das atitudes.

9. Basta essa ordem de raciocínios para entendermos que a reminiscência das existências anteriores perturbaria as relações sociais e constituiria um tropeço real à marcha do progresso.

Há razões de ordem científica que explicam o esquecimento do passado

10. Léon Denis e Gabriel Delanne dão-nos as razões de ordem científica pelas quais as lembranças do passado não podem ocorrer ao se dar a nova encarnação do Espírito.

11. Segundo Denis, em consequência da diminuição do seu estado vibratório, o Espírito, cada vez que toma posse de um corpo novo, de um cérebro virgem, acha-se na impossibilidade de exprimir as recordações acumuladas em suas vidas precedentes.

12. Delanne esclarece que o perispírito toma, ao encarnar, um movimento vibratório bastante fraco para que o mínimo de intensidade necessário à renovação de suas lembranças possa ser atingido.

13. Podemos, pois, concluir em poucas linhas:

– O esquecimento do passado e, por conseguinte, das faltas cometidas não lhes atenua as consequências.

– O conhecimento delas seria, porém, um fardo insuportável e uma causa de desânimo para muitas pessoas.

Se a recordação do passado fosse geral, isso concorreria para a perpetuação dos ressentimentos e dos ódios.

– A existência terrestre é, algumas vezes, difícil de suportar, e o seria ainda mais se, ao cortejo dos nossos males atuais, acrescentássemos a memória dos sofrimentos e dos equívocos passados.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 392 a 394.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulo V, item 11.)

Kardec Allan, O que é o Espiritismo, (pp. 114, 116 e 117.)

Delanne Gabriel, A Reencarnação, (págs. 305 e 306.)

Delanne Gabriel, A Evolução Anímica, (pág. 175.)

Denis Léon, Depois da Morte, (págs. 145 e 146.)

Denis Léon, O Problema do Ser, do Destino e da Dor, (pág. 182.)

5. Motivos de resignação

12. Por estas palavras: Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados, Jesus aponta a compensação que hão de ter os que sofrem e a resignação que leva o padecente a bendizer do sofrimento, como prelúdio da cura.

Também podem essas palavras ser traduzidas assim: Deveis considerar-vos felizes por sofrerdes, visto que as dores deste mundo são o pagamento da dívida que as vossas passadas faltas vos fizeram contrair; suportadas pacientemente na Terra, essas dores vos poupam séculos de sofrimentos na vida futura. Deveis, pois, sentir-vos felizes por reduzir Deus a vossa dívida, permitindo que a saldeis agora, o que vos garantirá a tranquilidade no porvir.

O homem que sofre assemelha-se a um devedor de avultada soma, a quem o credor diz: “Se me pagares hoje mesmo a centésima parte do teu débito, quitar-te-ei do restante e ficarás livre; se o não fizeres, atormentar-te-ei, até que pagues a última parcela.” Não se sentiria feliz o devedor por suportar toda espécie de privações para se libertar, pagando apenas a centésima parte do que deve? Em vez de se queixar do seu credor, não lhe ficará agradecido?

Tal o sentido das palavras: “Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados.” São ditosos, porque se quitam e porque, depois de se haverem quitado, estarão livres. Se, porém, o homem, ao quitar-se de um lado, endivida-se de outro, jamais poderá alcançar a sua libertação. Ora, cada nova falta aumenta a dívida, porquanto nenhuma há, qualquer que ela seja, que não acarrete forçosa e inevitavelmente uma punição. Se não for hoje, será amanhã; se não for na vida atual, será noutra. Entre essas faltas, cumpre se coloque na primeira fiada a carência de submissão à vontade de Deus. Logo, se murmurarmos nas aflições, se não as aceitarmos com resignação e como algo que devemos ter merecido, se acusarmos a Deus de ser injusto, nova dívida contraímos, que nos faz perder o fruto que devíamos colher do sofrimento. É por isso que teremos de recomeçar, absolutamente como se, a um credor que nos, atormente, pagássemos uma cota e a tomássemos de novo por empréstimo.

Ao entrar no mundo dos Espíritos, o homem ainda está como o operário que comparece no dia do pagamento. A uns dirá o Senhor: “Aqui tens a paga dos teus dias de trabalho”; a outros, aos venturosos da Terra, aos que hajam vivido na ociosidade, que tiverem feito consistir a sua felicidade nas satisfações do amor-próprio e nos gozos mundanos: “Nada vos toca, pois que recebestes na Terra o vosso salário. Ide e recomeçai a tarefa”.

13. O homem pode suavizar ou aumentar o amargor de suas provas, conforme o modo por que encare a vida terrena. Tanto mais sofre ele, quanto mais longa se lhe afigura a duração do sofrimento. Ora, aquele que a encara pelo prisma da vida espiritual apanha, num golpe de vista, a vida corpórea. Ele a vê como um ponto no infinito, compreende-lhe a curteza e reconhece que esse penoso momento terá um presto passado. A certeza de um próximo futuro mais ditoso o sustenta e anima e, longe de se queixar, agradece ao Céu as dores que o fazem avançar. Contrariamente, para aquele que apenas vê a vida corpórea, interminável lhe parece esta, e a dor o oprime com todo o seu peso. Daquela maneira de considerar a vida, resulta ser diminuída a importância das coisas deste mundo, e sentir-se compelido o homem a moderar seus desejos, a contentar-se com a sua posição sem invejar os outros, a receber atenuada a impressão dos reveses e das decepções que experimente. Daí tira ele uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo quanto à da alma, ao passo que, com a inveja, o ciúme e a ambição, voluntariamente se condena à tortura e aumenta as misérias e as angústias de sua curta existência.

Espiritismo para crianças

Nº 490 – 06/11/2016

O Consolador – (Célia Xavier de Camargo)

Os latidos da Fifi

V. Motivos de resignação

O lar de Manoel e Rita estava muito triste.

Clara, a filha de apenas seis anos e que era a luz de seus olhos, havia retornado ao Mundo Espiritual em virtude de uma grave enfermidade, deixando a família em grande sofrimento.

Em virtude da dor dos pais que estavam inconformados pela partida da pequena Clara, os Amigos Espirituais do casal pensavam em como diminuir o sofrimento de Manoel e Rita, que não estavam suportando a existência sem a filha querida. A pequena sofria recebendo os pensamentos do papai e da mamãe que lhe rogavam a presença. Dizia o pai em suas orações:

— Volta, filhinha! Não estamos conseguindo viver sem sua presença. Sentimos muito sua falta e o sofrimento é tanto que desejamos também partir ao seu encontro!

E a mãe, em lágrimas, afirmava:

— Clara, minha filhinha, não vamos suportar a vida sem você! Só consigo pensar em você, querida! Volte para nós! Só fazemos chorar lembrando-nos do seu rostinho lindo, das conversas que tínhamos e até sua cachorrinha Fifi está desanimada, não late nem se alimenta mais!

Que Jesus possa mandá-la de volta para nós, seus pais, que tanto a amamos, é só o que queremos.

Os Amigos Espirituais ouvindo essas palavras se preocupavam com o bem-estar da pequena Clara, ainda fraca em virtude da enfermidade que a levava de volta ao Mundo Espiritual, e estudavam o problema, buscando uma solução que acalmasse os pais tão sofredores.

Até que um deles resolveu, após muito pensar:

— O melhor será levar a pequena Clara para uma visita aos pais que, ao sentirem que ela está bem, acalmarão seus corações e se desligarão um pouco da pequena.

Os amigos que faziam parte do grupo concordaram, achando que era a única maneira de acalmar os pais tão sofridos.

Assim, num dia em que Manoel e Rita faziam o Evangelho no Lar, com muita delicadeza os Amigos Espirituais trouxeram a pequena Carla em visita ao seu lar.

Após lerem um trecho do Evangelho, os pais começaram a conversar sobre o assunto que fora focado através do livro, que era “**Motivos de Resignação**”, do capítulo V, Bem-aventurados os aflitos.

De repente, ao se lembrarem da pequena Clara desencarnada, os pais começaram a sentir as lágrimas brotarem de seus olhos incapazes de evitar a dor.

Eles não tinham notado que a cachorrinha de Clara havia entrado na sala ao ver a porta aberta e ficara quietinha, acomodada junto deles.

De repente, enquanto eles comentavam o texto, a cachorrinha Fifi ergueu-se e começou a latir, olhando para o alto. Os pais trocaram um olhar, depois a fitaram, estranhando o seu comportamento, ao que Rita comentou:

— Veja, Manoel! A Fifi não late desde que nossa pequena Clara se foi para o Mundo Espiritual!

A mãe arregalou os olhos fitando a cachorrinha e lágrimas brotaram de seus olhos, agora sorridentes e animados:

— Manoel! Fifi só latia assim para nossa filha Clara! É sinal de que ela está aqui conosco!

O pai, não desejando que a esposa ficasse muito esperançosa, retrucou:

— Não, querida. Certamente Fifi está latindo porque viu algum inseto voando pela sala!

Ao que a esposa, balançando a cabeça e com grande sorriso no rosto, discordou:

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

— Não, Manoel. A Fifi só latia assim ao ver chegar nossa Clara. Veja como ela olha para o alto e late feliz!

O pai, ao ver a mãe tão contente, acabou por concordar com ela, também tendo os olhos nublados de lágrimas.

Eles se abraçaram e fizeram a prece final com grande alegria em seus corações, comentando o texto evangélico e, mais do que isso, falando sobre a imortalidade da alma e a alegria de se reencontrarem com a filhinha querida.

E Rita disse ao seu esposo:

— Tenho certeza, Manoel, que quando dormirmos iremos nos encontrar com nossa querida filha Clara!

Ah, que o Senhor a abençoe!

Assim, animados e esperançosos, eles terminaram o Evangelho no Lar e, após leve refeição, se prepararam para dormir, satisfeitos e agradecidos.

E os Amigos Espirituais que ali estavam trocaram um sorriso, também contentes por poderem ajudar o casal de amigos, pais da pequena Clara.

Pouco tempo depois, após caírem no sono, Rita e Manoel se desprenderam e foram para o Mundo Espiritual, e a primeira coisa que viram foi Clara, a filha querida que acabara de despertar.

Os pais deram um abraço na pequena, conversaram um pouco com ela e depois voltaram ao corpo, felizes e agradecidos por terem visto e abraçado a filhinha que agora estava no Mundo Espiritual.

E a pequena lembrou, contente, que logo seria o aniversário do Pai, e abraçou e beijou-o, dizendo:

— Feliz aniversário, Papai!

MEIMEI

6. O suicídio e a loucura

14. A calma e a resignação hauridas da maneira de considerar a vida terrestre e da confiança no futuro dão ao espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a loucura e o suicídio. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura se deve à comoção produzida pelas vicissitudes que o homem não tem a coragem de suportar. Ora, se encarando as coisas deste mundo da maneira por que o Espiritismo faz que ele as considere, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o houveram desesperado noutras circunstâncias, evidente se torna que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, lhe preserva de abalos a razão, os quais, se não fora isso, a conturbariam.

15. O mesmo ocorre com o suicídio. Postos de lado os que se dão em estado de embriaguez e de loucura, aos quais se pode chamar de inconscientes, é incontestável que tem ele sempre por causa um descontentamento, quaisquer que sejam os motivos particulares que se lhe apontem. Ora, aquele que está certo de que só é desventurado por um dia e que melhores serão os dias que hão de vir, enche-se facilmente de paciência. Só se desespera quando nenhum termo divisa para os seus sofrimentos. E que é a vida humana, com relação à eternidade, senão bem menos que um dia? Mas, para o que não crê na eternidade e julga que com a vida tudo se acaba, se os infortúnios e as aflições o acabrunham, unicamente na morte vê uma solução para as suas amarguras. Nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar pelo suicídio as suas misérias.

16. A incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas, numa palavra, são os maiores incitantes ao suicídio; ocasionam a covardia moral. Quando homens da ciência, apoiados na autoridade do seu saber, se esforçam por provar aos que os ouvem ou leem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão de fato levando-os a deduzir que, se são desgraçados, coisa melhor não lhes resta senão se matarem? Que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. Daí se deve concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale buscá-lo imediatamente e não mais tarde, para sofrer por menos tempo.

A propagação das doutrinas materialistas é, pois, o veneno que inacula a ideia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os que se constituem apóstolos de semelhantes doutrinas assumem tremenda responsabilidade. Com o Espiritismo, tornara impossível a dúvida, muda o aspecto da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para lá do túmulo, mas em condições muito diversas; donde a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; donde, em suma, a coragem moral.

17. O Espiritismo ainda produz, sob esse aspecto, outro resultado igualmente positivo e talvez mais decisivo. Apresenta-nos os próprios suicidas a informar-nos da situação desgraçada em que se encontram e a provar que ninguém viola impunemente a Lei de Deus, que proíbe ao homem encurtar a sua vida. Entre os suicidas, alguns há cujos sofrimentos, nem por serem temporários e não eternos, não são menos terríveis e de natureza a fazer refletir os que porventura pensam em daqui sair, antes que Deus o haja ordenado. O espírita tem, assim, vários motivos a contrapor à ideia do suicídio: a certeza de uma vida futura, em que, sabe-o ele, será tanto mais ditoso, quanto mais inditoso e resignado haja sido na Terra; a certeza de que, abreviando seus dias, chega, precisamente, a resultado oposto ao que esperava; que se liberta de um mal, para incorrer num mal pior, mais longo e mais terrível; que se engana, imaginando que, com o matar-se, vai mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que no outro mundo ele se reúna aos que foram objeto de suas afeições e aos quais esperava encontrar; donde a consequência de que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. Por isso mesmo, considerável, é contrário aos seus próprios interesses. Por isso mesmo, considerável já é o número dos que têm sido, pelo Espiritismo, obstados de suicidar-se, podendo daí concluir-se que,

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

quando todos os homens forem espíritas, deixará de haver suicídios conscientes. Comparando-se, então, os resultados que as doutrinas materialistas produzem com os que decorrem da Doutrina Espírita, somente do ponto de vista do suicídio, forçoso será reconhecer que, enquanto a lógica das primeiras a ele conduz, a da outra o evita, fato que a experiência confirma.

Crônicas e Artigos

Nº 332 – 06/10/2013

O Consolador – (Rogério Coelho)

VI. O suicídio e a loucura

Suicídio e a loucura

“Há uma consequência à qual o suicida não pode escapar: é o desapontamento.” (1)

Em mensagem inserta no livro **“O Evangelho segundo o Espiritismo”**, capítulo cinco, item vinte e cinco, **François de Genève** narra o seguinte:

“Sabeis por que, às vezes, uma vaga tristeza se apodera de vossos corações e vos leva a considerar amarga a vida? É que vosso Espírito, aspirando à felicidade e à liberdade, se esgota jungido ao corpo que lhe serve de prisão, em vão esforços para sair dele. Reconhecendo inúteis esses esforços, cai no desânimo e, como o corpo lhe sofre a influência, toma-vos a lassidão, o abatimento, uma espécie de apatia, e vos julgais infelizes”.

Em seguida, o nobre Espírito faz a seguinte exortação:

“Crede-me, resisti com energia a essas impressões que vos enfraquecem a vontade. São inatas no espírito de todos os homens as aspirações por uma vida melhor; mas não as busqueis neste mundo e, agora, quando Deus vos envia os Espíritos que Lhe pertencem, para vos instruírem acerca da felicidade que Ele vos reserva, aguardai pacientemente o anjo da libertação, para vos ajudar a romper os liames que vos mantêm cativo o Espírito. Lembrai-vos de que, durante o vosso degredo na Terra, tendes de desempenhar uma missão de que não suspeitais, quer dedicando-vos à, vossa família, quer cumprindo as diversas obrigações que Deus vos confiou. Se, no curso desse degredo provação, exonerando-vos dos vossos encargos, sobre vós desabarem os cuidados, as inquietações e tribulações, sedes fortes e corajosos para suportá-los”.

Entendemos com Kardec (1) que “a religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário às leis da Natureza. Entretanto, por que não se tem esse direito? Ao Espiritismo estava reservado demonstrar, pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é uma falta somente por constituir infração de uma lei moral, consideração de pouco peso para certos indivíduos, mas também um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica, antes, o contrário é o que se dá, como no-lo ensinam, não a teoria, porém os fatos que ele nos põe sob as vistas”.

Explica ainda o ínclito Mestre Lionês: (2)

“O homem carnal, mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual, tem, na Terra, penas e gozos materiais. Já o homem moral, que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões, ainda neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus desejos lhe dá ao Espírito a calma e a serenidade. Ditoso pelo bem que faz, não há para ele decepções, e as contrariedades lhe deslizam por sobre a alma, sem nenhuma impressão dolorosa deixarem”.

Com sua habitual sabedoria, continua Kardec:(3)

“Interroguem friamente suas consciências todos os que são feridos no coração pelas vicissitudes e decepções da vida; remontem passo a passo à origem dos males que os torturam e verifiquem se, as mais das vezes, não poderão dizer: Se eu houvesse feito, ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição.

Ora, encarando as coisas deste mundo da maneira por que o Espiritismo faz que ele as considere, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o houveram desesperado noutras circunstâncias, evidente se torna que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, lhe preserva de abalos a razão, os quais, se não fora isso, a conturbariam”.

Profunda conhecedora da alma humana, Joanna de Ângelis consegue acoplar as mais recentes conquistas da psicologia com os milenares ensinamentos de Jesus, e, partindo dessas premissas, logra atingir conclusões que, não deixando, em absoluto, margens a dúvidas, dado à racionalidade de seus critérios, leva-nos, também, ao mesmo patamar de compreensão. Acompanhemos, pois, seu raciocínio, ao fazer uma análise dos fatores predisponentes ao suicídio e à loucura, ao mesmo tempo em que relaciona, na sequência, a profilaxia ideal a ser adotada no combate às sementes da angústia que são nutridas pela tristeza, mágoa e rebeldia sistemática:(4)

"A tristeza que agasalhas, levando-te à mortificação interior, de que não te consegues libertar, é fator destrutivo nos alicerces da personalidade; a mágoa, que conservas como ácido que te corrói os tecidos do sentimento, constitui morbo que em breve terminará por vencer as tuas resistências; a rebeldia sistemática, a que te agrilhoas, transformará as tuas aspirações duramente acalentadas em resíduos de infelicidade e tormento infundável.

Defrontas os problemas que se manifestam no teu dia a dia entre a irritação e o desespero, estabelecendo matrizes de aflições que te conduzirão ao autoaniquilamento.

Essa melancolia que te penetra a mente, tecendo as malhas da depressão, é sinal de alarme que não podes desconsiderar; essa aflição que se agiganta, dominando-te o equipamento nervoso, convida-te a uma mudança de atitude, que não deves postergar; isto que te consome, desaparecendo e ressurgindo em roupagens de configuração nova, é desafio que deves enfrentar com estoicismo, para saíres da desarmonia".

Em seguida, a nobre Mentora dá o seguinte aviso:

"Sejam quais forem os fatores afligentes ou depressivos que te cheguem, invitando-te ao cultivo do pessimismo ou da irritabilidade, não devem encontrar guarida nos teus painéis mentais. Problemas e dificuldades representam prova com que crescemos na direção da vida. Desse modo, realiza a assepsia mental pela preservação do otimismo e da irrestrita confiança em nosso Pai Celestial.

Quando a vida te parecer sem objetivos e estiveres a ponto de cair, renova os teus conceitos e ora, buscando a divina inspiração, haurindo, então, a força que te propiciará sair do ocaso emocional e transformará os teus problemas em ação de benemerência para os teus irmãos, descobrindo, por fim, que a linguagem universal do bem é a terapia preventiva e curadora para o suicídio e a loucura".

(1) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 957.)

(2) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 941.)

(3) **Kardec** Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (Cap. V, item 4 e 14.)

(4) **Ângelis** Joanna de, LEAL, (psicografia Divaldo Franco), (Cap.10.)

7. Instruções dos Espíritos: 1. Bem e mal sofrer

18. Quando o Cristo disse: “Bem-aventurados os aflitos, o reino dos céus lhes pertence”, não se referia de modo geral aos que sofrem, visto que sofrem todos os que se encontram na Terra, quer ocupem tronos, quer jazam sobre a palha. Mas, ah! Poucos, sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é uma falta. Deus vos recusa consolações, desde que vos falte coragem. A prece é um apoio para a alma; contudo, não basta: é preciso que tenha por base uma fé viva na bondade de Deus. Ele já muitas vezes vos disse que não coloca fardos pesados em ombros fracos. O fardo é proporcionado às forças, como a recompensa o será à resignação e à coragem. Mais opulenta será a recompensa, do que penosa a aflição. Cumpre, porém, merecê-la, e é para isso que a vida se apresenta cheia de tribulações.

O militar que não é mandado para as linhas de fogo fica descontente, porque o repouso no campo nenhuma ascensão de posto lhe faculta. Sede, pois, como o militar e não desejeis um repouso em que o vosso corpo se enervaria e se entorpeceria a vossa alma. Alegrai-vos, quando Deus vos enviar para a luta. Não consiste esta no fogo da batalha, mas nos amargores da vida, onde, às vezes, de mais coragem se há mister do que num combate sangrento, porquanto não é raro que aquele que se mantém firme em presença do inimigo fraqueje nas tenazes de uma pena moral. Nenhuma recompensa obtém o homem por essa espécie de coragem; mas, Deus lhe reserva palmas de vitória e uma situação gloriosa. Quando vos advenha uma causa de sofrimento ou de contrariedade, sobrepondo-vos a ela, e, quando houverdes conseguido dominar os ímpetos da impaciência, da cólera, ou do desespero, dizei, de vós para convosco, cheio de justa satisfação: “Fui o mais forte.”

Bem-aventurados os aflitos pode então traduzir-se assim: Bem-aventurados os que têm ocasião de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, porque terão centuplicada a alegria que lhes falta na Terra, porque depois do labor virá o repouso. — Lacordaire. (Havre, 1863.)

Crônicas e Artigos

Nº 478 – 14/08/2016

O Consolador – (Rogério Coelho)

VII. Instruções dos Espíritos

I. Bem e mal sofrer

Bem & mal sofrer

É preciso que a prece tenha por base uma fé viva na bondade de Deus.

“Não te revoltes no crisol das dores, mesmo que sejam dores reais. A dor chega para que o Espírito triunfe sobre ela, ao invés, de ser por ela esmagado.” - Joanna de Ângelis

Os Espíritos Superiores responderam a Allan Kardec em “**O Livro dos Espíritos**”, questão nº. 633:

“A maior parte dos males cuja culpa o homem lança à Natureza, seria evitado se ele atendesse à voz da própria consciência”.

O bem e o mal obedecem à regra da reciprocidade ou de solidariedade; logo, todo o bem que gozamos ou todo o mal que sofremos, por força dessa regra, foram gerados por nós mesmos em oportunidades passadas. Assim, nada mais natural que estarmos a braços com a colheita de nossas sementeiras. Cumpre-nos, portanto, aceitar com humildade a consequência lógica de nossos atos e não lançar a culpa que nos pertence à Natureza.

Compreendemos assim, com o Mestre Lionês, quando narra em “O Evangelho segundo o Espiritismo”,

(Cap. VI, item 4):

“A causa dos sofrimentos está nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra, assim, o Espiritismo, o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que este lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o obreiro aceita o trabalho que lhe assegurará o salário.

O Espiritismo lhe dá a fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se lhe apossa d’Alma. Dando-lhe a ver do alto as coisas, a importância das vicissitudes terrenas desaparece no vasto e esplêndido horizonte que ele descortina e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até ao termo do caminho. Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do ‘Consolador Prometido’: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra”.

Em mensagem de peregrina beleza, inserta no cap. V, item 18, do mesmo livro, Lacordaire, explicando que Jesus, ao anunciar: “**bem-aventurados os aflitos, o Reino dos Céus lhes pertence**”, não se referia de modo geral aos que sofrem, visto que sofrem todos os que se encontram na Terra, quer ocupem tronos, quer jazam sobre a palha. Mas poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao Reino de Deus. O desânimo é uma falta. Deus recusa consolações, desde que falte a coragem.

A prece é um apoio para a Alma; contudo, não basta: é preciso tenha por base uma fé viva na bondade de Deus. Ele não coloca fardos pesados em ombros fracos. O fardo é proporcional às forças, como a recompensa o será à resignação e à coragem. Mais opulenta será a recompensa do que penosa a aflição. Cumpre, porém, merecê-la, e é para isso que a vida se apresenta cheia de tribulações.

Bem-aventurados os aflitos ainda pode-se traduzir assim: “bem-aventurados os que têm ocasião de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, porque terão centuplicada a alegria que lhes falta na Terra, porque depois do labor virá o repouso”.

No livro “**Lampadário Espírita**”, capítulo 34, psicografado por Divaldo Pereira Franco, Joanna de Ângelis, com seu raciocínio lúcido, aconselha:

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

“afasta a nuvem cinzenta do pessimismo e da queixa, enquanto a dor se demora contigo, concedendo ao Sol da esperança a oportunidade de fulgir ante os teus olhos acostumados às sombras das recriminações.

Enquanto não te disponhas ao combate contra a autopiedade e a autoflagelação por morbidez, ninguém poderá fazer nada por ti. Observa o voo ligeiro da ave colorida, o desabrochar de uma flor, a vitória da germinação de uma semente, o canto delicado do filete d'água na frincha da rocha, o triunfo da árvore, o milagre do pão, o deslumbramento do nascente, o ritmo da vida nos insetos, nos animais, em toda parte, e encontrarás as mãos divinas agindo, produzindo, zelando. Quando te entregas ao desânimo e o espalhas, conspiras contra a ordem natural, o equilíbrio e o progresso da vida. É pernicioso mal sofrer, malbaratando a oportunidade de aproveitar bem a lição do sofrimento. Se cultivas os cogumelos do pessimismo, respiras, evidentemente, em clima de sombras.

Acalma o vozerio agitado da tua mente alvoroçada pela revolta, ou desperta-a, adormentada que se encontra nos tecidos da comodidade, da preguiça ou do cansaço de sofrer, e escutarás, sim, mil vozes, algumas tão debilitadas pela fraqueza que será necessário um grande esforço para identificá-las, chorando e rogando socorro baixinho às fortunas que possuis no corpo e no espírito e teimas por desperdiçar, ignorando-as.

Se tuas legítimas aflições forem muito grandes e esmagadoras, evoca Jesus, quando na via dolorosa, esmagado sob a cruz e, no entanto, aconselhando e advertindo as ‘mulheres piedosas de Jerusalém’; ou cravejado, logo depois, no madeiro de infâmia, convocando dois estranhos e desafortunados salteadores, neles semeando as esperanças do Reino de Deus, instantes antes do ‘momento supremo’, e refaz as tuas forças, reconsidera a situação, recompõe os ‘joelhos desconjuntados’ e avança, confiante, contando com a certeza de que, após a partida libertadora, uma madrugada sublime te alcançará, fazendo-te ditoso por fim, vitorioso com o bem”.

7. Instruções dos Espíritos: 2. O mal e o remédio

19. Será a Terra um lugar de gozo, um paraíso de delícias? Já não ressoa mais aos vossos ouvidos a voz do profeta? Não proclamou ele que haveria prantos e ranger de dentes para os que nascessem nesse vale de dores? Esperai, pois, todos vós que aí viveis, causticantes lágrimas e amargo sofrer e, por mais agudas e profundas sejam as vossas dores, volvei o olhar para o Céu e bendizei do Senhor por ter querido experimentar-vos. Ó homens! dar-se-á não reconheçais o poder do vosso Senhor, senão quando ele vos haja curado as chagas do corpo e coroado de beatitude e ventura os vossos dias? Dar-se-á não reconheçais o seu amor, senão quando vos tenha adornado o corpo de todas as glórias e lhe haja restituído o brilho e a brancura? Imitai aquele que vos foi dado para exemplo. Tendo chegado ao último grau da abjeção e da miséria, deitado sobre uma estrumeira, disse ele a Deus: “Senhor, conheci todos os deleites da opulência e me reduzistes a mais absoluta miséria; obrigado, obrigado, meu Deus, por haverdes querido experimentar o vosso servo!” Até quando os vossos olhares se deterão nos horizontes que a morte limita? Quando, afinal, vossa alma se decidirá a lançar-se para além dos limites de um túmulo? Houvésseis de chorar e sofrer a vida inteira, que seria isso, a par da eterna glória reservada ao que tenha sofrido a prova com fé, amor e resignação? Buscai consolações para os vossos males no porvir que Deus vos prepara e procurai-lhe a causa no passado. E vós, que mais sofreis, considerai-vos os afortunados da Terra.

Como desencarnados, quando pairáveis no Espaço, escolhestes as vossas provas, julgando-vos bastante fortes para as suportar. Por que agora murmurar? Vós, que pedistes a riqueza e a glória, queríeis sustentar luta com a tentação e vencê-la. Vós, que pedistes para lutar de corpo e espírito contra o mal moral e físico, sabíeis que quanto mais forte fosse a prova, tanto mais gloriosa a vitória e que, se triunfásseis, embora devesse o vosso corpo parar numa estrumeira, dele, ao morrer, se desprenderia uma alma de rutilante alvura e purificada pelo batismo da expiação e do sofrimento.

Que remédio, então, prescrever aos atacados de obsessões cruéis e de cruciantes males? Só um é infalível: a fé, o apelo ao Céu. Se, na maior acerbidade dos vossos sofrimentos, entoardes hinos ao Senhor, o anjo, a vossa cabeceira, com a mão vos apontará o sinal da salvação e o lugar que um dia ocupareis. A fé é o remédio seguro do sofrimento; mostra sempre os horizontes do infinito diante dos quais se esvaem os poucos dias brumosos do presente. Não nos pergunteis, portanto, qual o remédio para curar tal úlcera ou tal chaga, para tal tentação ou tal prova. Lembrai-vos de que aquele que crê é forte pelo remédio da fé e que aquele que duvida um instante da sua eficácia é imediatamente punido, porque logo sente as pungitivas angústias da aflição.

O Senhor apôs o seu selo em todos os que nele creem. O Cristo vos disse que com a fé se transportam montanhas e eu vos digo que aquele que sofre e tem a fé por amparo ficara sob a sua égide e não mais sofrerá. Os momentos das mais fortes dores lhe serão as primeiras notas alegres da eternidade. Sua alma se desprenderá de tal maneira do corpo, que, enquanto se estorcer em convulsões, ela planará nas regiões celestes, entoando, com os anjos, hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.

Ditosos os que sofrem e choram! Alegres estejam suas almas, porque Deus as cumulará de bem-aventuranças.

— Santo Agostinho. (Paris, 1863.)

Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita

Nº 33 – 12/12/2007

O Consolador – (Thiago Bernardes)

VII. Instruções dos Espíritos.

II. O mal e o remédio

O bem e o mal

A moral é a regra de bem proceder

1. A moral consubstancia os princípios salutareos do comportamento humano de que resulta o respeito ao próximo e a si mesmo. Decorrência natural da evolução, estabelece as diretrizes em que se fundam os alicerces da Civilização, produzindo matrizes de caráter que vitalizam as relações humanas e sem as quais o homem, por mais avançado que esteja no domínio da técnica, poucos passos teria conseguido desde os estados primários do sentimento.

2. A moral é, no dizer dos Espíritos que contribuíram para a codificação do Espiritismo, a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal, e se funda na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então estará, cumprindo a lei estabelecida pelo Criador.

3. Melhor conceito do que esse é difícil de elaborar. É que os Espíritos superiores, de maneira objetiva e simples, revelam que a moralidade se fundamenta no progresso espiritual da criatura humana e é adquirida paulatinamente, através das diversas experiências reencarnatórias. Sua observância tem por base o conhecimento e a prática da lei natural, de tal forma que o progresso moral se liga intimamente à prática do bem.

4. A partir do momento em que o relacionamento humano se expandiu pelas necessidades de vivências comutativas, o homem sentiu o desejo de elaborar leis que estabelecessem organizações sociais mais apropriadas ao meio em que vivia. Passou-se então a fazer distinção entre o bem e o mal. Somente a partir de Sócrates a moral passou a ser considerada pela filosofia, porquanto até então era ela definida arbitrariamente, de acordo com o equilíbrio ou o desequilíbrio das pessoas.

5. O sentido de moralidade é, contudo, um só, ou seja, é a norma de bem proceder em quaisquer circunstâncias, independentemente do estado sócio, econômico do indivíduo. Todo o cuidado se faz preciso para não confundirmos conveniências sociais – que podem gerar dissolução dos costumes – com a verdadeira prática da moral.

A lei divina está gravada em nossa consciência

6. Diante desses conceitos, podemos afirmar que, em qualquer época, o homem que conhece e pratica a lei de Deus é um ser moral – um ser que se não prende às superficialidades das convenções e dos modismos da chamada sociedade ou civilização moderna.

7. À medida que vamos aprendendo a distinguir o bem do mal, vamos-nos moralizando, isto porque fazer o bem é agir conforme a lei divina, é proceder conforme a lei natural. Fazer o mal é infringir essa mesma lei, é agir exatamente de modo contrário.

8. Ensina o Espiritismo que Deus promulgou leis plenas de sabedoria, tendo por único objetivo o bem, e o homem encontra em si mesmo tudo o que lhe é necessário para cumpri-las. A consciência traça-lhe a rota, visto que a lei divina está gravada nela mesma e, além disso, Deus nos leva a recordá-la constantemente por intermédio de seus messias e profetas, bem como de todos os indivíduos que trazem a missão de esclarecer, moralizar e melhorar o ser humano.

9. Os chamados males da vida, que afligem a Humanidade, formam duas categorias que importa distinguir: a dos males que o homem pode evitar e a dos males que independem de sua vontade, os quais são geralmente a consequência de sua conduta pretérita.

10. Se o homem se conformasse rigorosamente com as leis divinas, poupar-se-ia, sem qualquer dúvida, aos mais agudos males e viveria ditoso na Terra. Se assim não procede, é em virtude do seu livre-arbítrio. Sofre, então, as consequências do seu proceder.

O mal não tem existência real

11. O Criador, que é também todo bondade, sempre põe o remédio ao lado do mal, isto é, faz que do próprio mal saia a solução, pois chega um momento em que o excesso do mal moral torna-se intolerável e impõe ao homem a necessidade de mudar de vida. Instruído pela experiência, ele se sente, desse modo, compelido a buscar no bem o remédio, valendo-se do seu livre-arbítrio.

12. Quando toma um rumo diferente, um caminho melhor, é porque reconheceu os inconvenientes do outro. A necessidade leva-o, pois, a melhorar-se moralmente, para ser mais feliz, do mesmo modo que o constrange a melhorar as condições materiais de sua existência.

13. A prática do bem está, assim, relacionada com o grau de responsabilidade do homem. Com o progresso, o mal decresce automaticamente, pois seu caráter é relativo e passageiro, e ele nada mais é que o resultado da condição da alma ainda criança que se ensaia para a vida. Como decorrência dos progressos realizados pela criatura humana, o mal pouco a pouco diminui, perde fôlego e dissipa-se, na proporção em que a alma sobe os degraus que a conduzem à virtude e à sabedoria.

14. Assim considerando, o mal não tem existência real. Não há o mal absoluto no Universo, mas sim, em toda parte, a realização vagarosa e progressiva de um ideal superior. A justiça patenteia-se no cosmo, onde não existem eleitos e réprobos, mas indivíduos que sofrem todas as consequências de seus atos, e reparam, resgatam e, cedo ou tarde, regeneram-se para evolverem desde os mundos obscuros e materiais até a luz divina.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 629, 630 e 637.)

Kardec Allan, A Gênese, (Cap. III, itens 3, 6 e 7.)

Denis Léon, O problema do ser, do destino e da dor, (págs. 293 e 294.)

Ângelis Joanna de, Estudos Espíritas, (psicografia Divaldo P. Franco) (págs. 163 e 164.)

7. Instruções dos Espíritos: 3. A felicidade não é deste mundo

20. Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim! exclama geralmente o homem em todas as posições sociais. Isso, meus caros filhos, prova, melhor do que todos os raciocínios possíveis, a verdade desta máxima do Eclesiastes: “A felicidade não é deste mundo.” Com efeito, nem a riqueza, nem o poder, nem mesmo a florida juventude são condições essenciais à felicidade. Digo mais: nem mesmo reunidas essas três condições tão desejadas, porquanto incessantemente se ouvem, no seio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se queixarem amargamente da situação em que se encontram. Diante de tal fato, é incontestável que as classes laboriosas e militantes invejem com tanta ânsia a posição das que parecem favorecidas da fortuna. Neste mundo, por mais que faça, cada um tem a sua parte de labor e de miséria, sua cota de sofrimentos e de decepções, donde facilmente se chega à conclusão de que a Terra é lugar de provas e de expiações.

Assim, pois, os que pregam que ela é a única morada do homem e que somente nela e numa só existência é que lhe cumpre alcançar o mais alto grau das felicidades que a sua natureza comporta, iludem-se e enganam os que os escutam, visto que demonstrado está, por experiência arquissecular, que só excepcionalmente este globo apresenta as condições necessárias à completa felicidade do indivíduo.

Em tese geral pode afirmar-se que a felicidade é uma utopia a cuja conquista as gerações se lançam sucessivamente, sem jamais lograrem alcançá-la. Se o homem ajuizado é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz jamais foi encontrado.

O em que consiste a felicidade na Terra é coisa tão efêmera para aquele que não tem a guiá-lo a ponderação, que, por um ano, um mês, uma semana de satisfação completa, todo, o resto da existência é uma série de amarguras e decepções. E notai, meus caros filhos, que falo dos venturosos da Terra, dos que são invejados pela multidão.

Conseqüentemente, se à morada terrena são peculiares as provas e a expiação, forçoso é se admita que, algures, moradas há mais favorecidas, onde o Espírito, conquanto aprisionado ainda numa carne material, possui em toda a plenitude os gozos inerentes à vida humana. Tal a razão por que Deus semeou, no vosso turbilhão, esses belos planetas superiores para os quais os vossos esforços e as vossas tendências vos farão gravitar um dia, quando vos achardes suficientemente purificados e aperfeiçoados. Todavia, não deduzais das minhas palavras que a Terra esteja destinada para sempre a ser uma penitenciária. Não, certamente! Dos progressos já realizados, podeis facilmente deduzir os progressos futuros e, dos melhoramentos sociais conseguidos, novos e mais fecundos melhoramentos. Essa a tarefa imensa cuja execução cabe à nova doutrina que os Espíritos vos revelaram.

Assim, pois, meus queridos filhos, que uma santa emulação vos anime e que cada um de vós se despoje do homem velho. Deveis todos consagrar-vos à propagação desse Espiritismo que já deu começo a vossa própria regeneração. Corre-vos o dever de fazer que os vossos irmãos participem dos raios da sagrada luz. Mãos, portanto, à obra, meus muito queridos filhos! Que nesta reunião solene todos os vossos corações aspirem a esse grandioso objetivo de preparar para as gerações porvindouras um mundo onde já não seja vã a palavra felicidade. - François-Nicolas-Madeleine,
— Cardeal Morlot. (Paris, 1863.)

Crônicas e Artigos

Nº 261 – 20/05/2012

O Consolador – (Marco Antônio Pinho)

VII. Instruções dos Espíritos.

III. A felicidade não é deste mundo

A felicidade não é deste mundo

Todos nós desejamos encontrar a felicidade um dia, mas, para realizar essa vontade ou esse desejo, é necessário trabalhar os valores pertinentes ao Espírito.

Achamos que a felicidade é desfrutar unicamente dos bens materiais que estamos vendo ou pegando, haja vista que vivemos presos às posses, imaginando que ser feliz é juntar tesouro material sobre a terra.

É importante observar que temos que desenvolver a capacidade de enxergar a vida por outro prisma, visto que temos uma visão pequena sobre as questões espirituais.

Se não trabalharmos o desapego material enquanto estamos na estrada, ficaremos atrasados por nossa própria culpa, visto que o Mestre Jesus nos chama atenção dizendo que cada um de nós deve trabalhar as questões espirituais que são perenes, eternas e duradouras.

Se não fizermos isso, ficaremos presos às posses por não entendermos a proposta do Cristo, quando Ele disse para não juntarmos tesouros na Terra e, sim, no Céu.

Jesus nos chama atenção para que cada um de nós dê o devido valor aos bens espirituais que são eternos, mais do que aos bens materiais que são passageiros.

Através da Doutrina Espírita, encontramos as respostas e a chave para a felicidade futura que tanto **O Evangelho segundo o Espiritismo** nos fala em sua obra.

É a partir deste capítulo intitulado **A Vida Futura**, que buscamos entender, de maneira racional, a possibilidade de vivermos outras experiências referentes à vida espiritual, deixando claro que todos nós temos várias existências para evoluirmos espiritualmente e trabalharmos os desapegos até chegarmos à perfeição.

Por isso temos que compreender e acreditar nas explicações racionais que a Doutrina Espírita nos dá então:

Como não acreditar nas vidas sucessivas para vencer os desapegos?

Como não acreditar nessas possibilidades educativas através da reencarnação para melhorar os nossos defeitos?

Como ficariam a vida, os atos, os acertos e os desacertos dos seres humanos, se acreditássemos em uma única existência?

Será que a vida só teria sentido se buscarmos unicamente as coisas materiais em detrimento dos valores espirituais?

Será que o único objetivo do homem na Terra é juntar bens materiais?

Tudo isso ficaria sem explicação e sem nexos se admitirmos uma única existência. Todos viveriam focados unicamente para a atual encarnação, buscando obter tudo de maneira desorganizada, correndo contra o tempo para obter cada vez mais recursos materiais.

A sociedade ficaria desorganizada e não teria regras definidas. Cada um poderia criar suas próprias regras, sabendo que não existiria mais; muitos irmãos fariam de tudo para desfrutar a vida como se ela fosse a última, e não haveria mais razão para sonhar e para viver.

Muitos irmãos lutariam para, cada vez mais, ajuntar tesouros na Terra, passando por cima dos mais fracos, justificando que a vida é pra ser vivida.

Com o advento da Doutrina Espírita, tudo isso muda de sentido a partir dos seus postulados; temos a ciência e a certeza da continuidade das existências, ficamos por dentro de tudo que diz respeito às múltiplas possibilidades de crescimento espiritual e das experiências que ainda temos que passar para evoluir.

Por isso, na Doutrina Espírita seremos convidados a estudar as problemáticas humanas de um ponto de vista racional, estruturando os nossos pensamentos a partir da lógica e da razão.

Portanto, a Doutrina Espírita nos mostra que a felicidade não é deste Mundo, quando coloca para a humanidade que a verdadeira felicidade se encontra no mundo espiritual e não na Terra.

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

Ela coloca que na Terra vivemos momentos felizes, mas que não são duradouros e eternos. Segundo **O Livro dos Espíritos**, a Terra é uma pálida visão do mundo espiritual.

Podemos começar a construir a nossa felicidade aqui, mas sabemos de que a verdadeira felicidade está ou se encontra no mundo espiritual, que é a nossa verdadeira morada.

7. Instruções dos Espíritos: 4. Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras

21. Quando a morte ceifa nas vossas famílias, arrebatando, sem restrições, os mais moços antes dos velhos, costumais dizer: Deus não é justo, pois sacrifica um que está forte e tem grande futuro e conserva os que já viveram longos anos cheios de decepções; pois leva os que são úteis e deixa os que para nada mais servem; pois despedaça o coração de uma mãe, privando-a da inocente criatura que era toda a sua alegria.

Humanos, é nesse ponto que precisais elevar-vos acima do terra-a-terra da vida, para compreenderdes que o bem, muitas vezes, está onde julgais ver o mal, a sábia providência onde pensais divisar a cega fatalidade do destino. Por que haveis de avaliar a justiça divina pela vossa? Podeis supor que o Senhor dos mundos se aplique, por mero capricho, a vos infligir penas cruéis? Nada se faz sem um fim inteligente e, seja o que for que aconteça, tudo tem a sua razão de ser. Se perscrutásseis melhor todas as dores que vos advêm, nelas encontraríeis sempre a razão divina, razão regeneradora, e os vossos miseráveis interesses se tornariam de tão secundária consideração, que os atiraríeis para o último plano. Crede-me, a morte é preferível, numa encarnação de vinte anos, a esses vergonhosos desregramentos que pungem famílias respeitáveis, dilaceram corações de mães e fazem que antes do tempo embranqueçam os cabelos dos pais. Frequentemente, a morte prematura é um grande benefício que Deus concede àquele que se vai e que assim se preserva das misérias da vida, ou das seduções que talvez lhe acarretassem a perda. Não é vítima da fatalidade aquele que morre na flor dos anos; é que Deus julga não convir que ele permaneça por mais tempo na Terra.

É uma horrenda desgraça, dizeis, ver cortado o fio de uma vida tão prenhe de esperanças! De que esperanças falais? Das da Terra, onde o liberto houvera podido brilhar, abrir caminho e enriquecer? Sempre essa visão estreita, incapaz de elevar-se acima da matéria. Sabeis qual teria sido a sorte dessa vida, ao vosso parecer tão cheia de esperanças? Quem vos diz que ela não seria saturada de amarguras? Desdenhais então das esperanças da vida futura, ao ponto de lhe preferirdes as da vida efêmera que arrastais na Terra? Supondes então que mais vale uma posição elevada entre os homens, do que entre os Espíritos bem-aventurados?

Em vez de vos queixardes, regozijai-vos quando praz a Deus retirar deste vale de misérias um de seus filhos. Não será egoístico desejardes que ele aí continuasse para sofrer convosco? Ah! Essa dor se concebe naquele que carece de fé e que vê na morte uma separação eterna. Vós, espíritas, porém, sabeis que a alma vive melhor quando desembaraçada do seu invólucro corpóreo. Mães, sabeis que vossos filhos bem-amados estão perto de vós; sim, estão muito perto; seus corpos fluidicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem, a lembrança que deles guardais os transporta de alegria, mas também as vossas dores desarrazoadas os afligem, porque denotam falta de fé e exprimem uma revolta contra a vontade de Deus.

Vós, que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração a chamar esses entes bem-amados e, se pedirdes a Deus que os abençoe, em vós sentireis fortes consolações, dessas que secam as lágrimas; sentireis aspirações grandiosas que vos mostrarão o porvir que o soberano Senhor prometeu.

— Sanson, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris. (1863.)

Crônicas e Artigos

VII. Instruções dos Espíritos.

IV. Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras

Nº 393 – 14/12/2014

O Consolador – (André Luiz Alves Jr.)

Por que sofremos?

“Bem-aventurados os aflitos, porque deles é o Reino dos Céus.”

O sofrimento acompanha o homem desde a sua origem, em um passado muito distante. No início, quando a luta pela sobrevivência era a única preocupação humana, destacavam-se os padecimentos físicos de todas as ordens.

Na medida em que a mente foi se desenvolvendo, surgiram também as aflições do ser, pautadas pelos problemas existenciais e as angústias morais, resultantes de nosso livre-arbítrio. Certamente alguém já se perguntou: Por que sofro tanto?

Outras pessoas vão mais além e questionam: Por que Deus, sendo soberanamente justo e bom, permite que a sua criação sofra?

Em verdade, ninguém tem o destino do sofrimento, somos criados simples e ignorantes para que possamos evoluir através de nosso próprio esforço. A dificuldade é um reflexo de nossa conduta moral, do caráter e, sobretudo, de nossas ações praticadas outrora. É a aplicação da lei de causa e efeito.

Allan Kardec, em **“O Evangelho segundo o Espiritismo”**, explica que a origem da nossa dor parte de duas fontes distintas: as que são geradas na vida presente e as que têm origem em existências pretéritas.

Para conhecer a causa do sofrimento originado nesta reencarnação, basta consultar a própria consciência, que a todo momento nos fala. Na maioria das vezes, nossos tormentos são reflexos de nossas decisões ou omissões, das atitudes egoístas, do orgulho e da vaidade que ainda domina nosso íntimo.

As doenças físicas que sempre nos proporcionam momentos difíceis são ocasionadas pelos excessos e a falta de cuidado para com a matéria. Como podemos analisar, ninguém mais é responsável por nossos dissabores, a não ser nós mesmos.

Mas, os mais numerosos males são aqueles que o homem cria para si mesmo, pelos seus próprios vícios, aqueles que provêm de seu orgulho, de seu egoísmo, de sua ambição, de sua cupidez, de seus excessos em todas as coisas.

(Allan Kardec – A Gênese.)

Mas, em outras situações, aparentemente não merecemos sofrer. Como explicar, por exemplo, os inúmeros casos de deficiência congênita, as doenças incuráveis que aparecem em tenra idade, os doentes mentais, as mortes ditas prematuras? Seria destino, ou simplesmente má sorte?

Nestes casos, a procedência do martírio está atribuída a existências passadas e tão somente através da reencarnação encontraremos respostas plausíveis para tais circunstâncias.

Se não consideramos a pluralidade das existências como ponto de partida para essas questões, de fato não compreenderemos a origem de certas dores.

Todavia, se levarmos em conta que o Espírito é uma individualidade, passível de erros e com a possibilidade de retornar à vida física, diversas vezes; entenderemos por que um bebê pode nascer com deficiência física ou mental, ou uma criança pode sofrer, sem ter tido tempo de gerar seu próprio sofrimento na presente reencarnação.

Então devemos interpretar o nosso sofrimento como uma espécie de punição?

De maneira alguma. Sofremos para evoluir, mas isso também não quer dizer que o sofrimento é a única condição para se chegar à perfeição.

Ninguém em sã consciência busca o sofrimento para si mesmo, no entanto, por ainda sermos imperfeitos, podemos falhar, e Deus, em sua infinita bondade, concede-nos sempre uma nova oportunidade para que, através de nosso esforço, consigamos progredir. Devemos, portanto, encarar o sofrimento como oportunidade de regeneração.

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

“A Dor corrige, educa, aperfeiçoa, exalta, redime e glorifica o sentimento humano a cada vibração que lhe extrai através do sofrimento.”

(Léon Denis)

Como agir diante do sofrimento?

Considerando nossas aflições como mecanismo necessário para o progresso, devemos encará-las sempre com bom ânimo, na certeza de que não há mal que seja eterno.

O Senhor transforma o veneno de nossos erros em remédio salutar para o resgate de nossas culpas. “Aprende a sofrer com humildade para que a tua dor não seja simplesmente orgulho ferido.”

(Léon Denis – O Problema do Ser, do Destino e da Dor.)

Os momentos difíceis, também são oportunidades de testemunhar a nossa fé. Deus não nos abandona e tão pouco designa fardos pesados a ombros frágeis. Sofremos agora para desfrutarmos dias melhores no porvir.

Bem-aventurados os aflitos, porque deles é o Reino dos Céus – Essas palavras podem, também, ser traduzidas assim: deveis considerar-vos felizes por sofrer, porque as vossas dores neste mundo são as dívidas de vossas faltas passadas, e essas dores, suportadas pacientemente na Terra, vos poupam séculos de sofrimento na vida futura.

“Deveis, portanto, estar felizes por Deus ter reduzido vossas dívidas, permitindo-vos quitá-las no presente, o que vos assegura a tranquilidade para o futuro.”

(Allan Kardec – O Evangelho segundo o Espiritismo.)

É indubitável que todos nós já passamos por maus pedaços e ainda enfrentaremos dias difíceis, pois habitamos um mundo de provas e expiações, onde o sofrimento ainda predomina.

Mas nos esforcemos para que os dias áureos cheguem mais depressa. A chave para a felicidade está em nossas mãos.

Referências:

Kardec Allan, A gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo (Cap. 3. p. 61-62.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo.

Denis Léon, O problema do ser, do destino e da dor, (Cap. 26. p. 380-381.)

7. Instruções dos Espíritos: 5. Se fosse um homem de bem, teria morrido

22. Falando de um homem mau, que escapa de um perigo, costumais dizer: “Se fosse um homem bom, teria morrido.” Pois bem, assim falando, dizeis uma verdade, pois, com efeito, muito amiúde sucede dar Deus a um Espírito de progresso ainda incipiente prova mais longa, do que a um bom que, por prêmio do seu mérito, receberá a graça de ter tão curta quanto possível a sua provação. Por conseguinte, quando vos utilizais daquele axioma, não suspeitais de que proferis uma blasfêmia.

Se morre um homem de bem, cujo vizinho é mau homem, logo observais: “Antes fosse este.” Enunciais uma enormidade, porquanto aquele que parte concluiu a sua tarefa e o que fica talvez não haja principiado a sua. Por que, então, haveríeis de querer que ao mau faltasse tempo para terminá-la e que o outro permanecesse preso à gleba terrestre? Que diríeis se um prisioneiro, que cumpriu a sentença contra ele pronunciada, fosse conservado no cárcere, ao mesmo tempo que restituíssem à liberdade um que a esta não tivesse direito? Ficai sabendo que a verdadeira liberdade, para o Espírito, consiste no rompimento dos laços que o prendem ao corpo e que, enquanto vos achardes na Terra, estareis em cativo.

Habituai-vos a não censurar o que não podeis compreender e crede que Deus é justo em todas as coisas. Muitas vezes, o que vos parece um mal é um bem. Tão limitadas, no entanto, são as vossas faculdades, que o conjunto do grande todo não o apreendem os vossos sentidos obtusos. Esforçai-vos por sair, pelo pensamento, da vossa acanhada esfera e, à medida que vos elevardes, diminuirá para vós a importância da vida material que, nesse caso, se vos apresentará como simples incidente, no curso infinito da vossa existência espiritual, única existência verdadeira.

— Fénelon. (Sens, 1861.)

Crônicas e Artigos

VII. Instruções dos Espíritos.

V. Se fosse um homem de bem, teria morrido

Nº 314 – 02/06/2013

O Consolador – (José Antônio Vieira de Paula)

Um minuto com Chico Xavier

Temos assistido, nos dias de hoje, muita gente jovem partindo para a pátria espiritual, de forma abrupta e, não raras vezes, em tragédias coletivas.

Nos depoimentos dos parentes que ficaram, muita tristeza e o comentário de como muitos desses jovens eram pessoas de bem, caridosas, respeitosas.

Ficando uma certa indignação do porquê Deus estaria, permitindo que tanta gente ruim, ruim mesmo, continuasse “viva”, e pessoas tão boas morressem no auge de sua juventude.

É claro que os que pensam assim desconhecem a visão da Doutrina Espírita, que demonstra, com clareza, que nosso é um educandário para almas ainda atrasadas na evolução, ou que já evoluíram um tanto, que, por isso mesmo, conquistaram a promoção para a vida espiritual superior.

Há uma história sobre a vida de Chico, um tanto curiosa, até engraçada, que enfoca esse tema. Ouçamos a narrativa:

Um caso bem-humorado era contado pelo próprio Chico, envolvendo um estudioso da doutrina de Uberlândia que tinha o hábito de abrir **O Evangelho segundo o Espiritismo** para encontrar as orientações adequadas, sempre que sentia necessidade – uma prática comum entre muitos espíritas.

Certo dia, quando se encontrava em sua chácara, uma tempestade violentíssima desabou sobre a cidade, com muitos raios e relâmpagos, assustando a todos.

Um raio caiu bem próximo de onde ele e outras pessoas se encontravam, chegando a matar um gato.

O homem reuniu os parentes, avisando que o pior não tinha acontecido graças à proteção dos espíritos, e pegou o Evangelho, abrindo-o numa página ao acaso.

A mensagem que leu começava assim: “Se fosse um homem de bem, teria morrido” Foi o que bastou para que todos, apesar do clima de meditação, caíssem na gargalhada. Diz-se que os próprios espíritos providenciaram a brincadeira.

7. Instruções dos Espíritos: **6. Tormentos voluntários**

23. Vive o homem incessantemente em busca da felicidade, que também incessantemente lhe foge, porque felicidade sem mescla não se encontra na Terra. Entretanto, mau grado às vicissitudes que formam o cortejo inevitável da vida terrena, poderia ele, pelo menos, gozar de relativa felicidade, se não a procurasse nas coisas perecíveis e sujeitas às mesmas vicissitudes, isto é, nos gozos materiais em vez de a procurar nos gozos da alma, que são um prelibar dos gozos celestes, imperecíveis; em vez de procurar a paz do coração, única felicidade real neste mundo, ele se mostra ávido de tudo que o agitará e turbará, e, coisa singular! o homem, como que de intento, cria para si tormentos que está nas suas mãos evitar.

Haverá maiores do que os que derivam da inveja e do ciúme? Para o invejoso e o ciumento, não há repouso; estão perpetuamente febricitantes. O que não têm e os outros possuem lhes causa insônias. Dão-lhes vertigem os êxitos de seus rivais; toda a emulação, para eles, se resume em eclipsar os que lhes estão próximos, toda a alegria em excitar, nos que se lhes assemelham pela insensatez, a raiva do ciúme que os devora. Pobres insensatos, com efeito, que não imaginam sequer que, amanhã talvez, terão de largar todas essas frioleiras cuja cobiça lhes envenena a vida! Não é a eles, decerto, que se aplicam estas palavras: “Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados”, visto que as suas preocupações não são aquelas que têm no céu as compensações merecidas.

Que de tormentos, ao contrário, se poupa aquele que sabe contentar-se com o que tem, que nota sem inveja o que não possui, que não procura parecer mais do que é. Esse é sempre rico, porquanto, se olha para baixo de si e não para, cima, vê sempre criaturas que têm menos do que ele. É calmo, porque não cria para si necessidades quiméricas. E não será uma felicidade a calma, em meio das tempestades da vida? — Fénelon. (Lião, 1860.)

Crônicas e Artigos

Nº 283 – 21/11/2012

O Consolador – (Cláudia Gelernter)

VII. Instruções dos Espíritos.

VI. Os tormentos voluntários

Missão do homem inteligente na Terra

“Se Deus, em seus desígnios, vos fez nascer num meio onde pudestes desenvolver a vossa inteligência, é que quer a utilizeis para o bem de todos.”

– Ferdinando (França – 1862).

A história humana é apontada como sendo um movimento constante e dialético, onde nós – seus construtores – atuamos de forma efetiva, ora negando a realidade, ora refazendo-a com outros parâmetros.

Desta forma, vamos construindo novos sistemas, derrubando alguns preconceitos, criando outros, clareando pontos obscuros e, paradoxalmente, seguimos outros caminhos que muitas vezes produzem novas medusas sociais que nos aterrorizam e consomem.

Durante a era medieval arrastamos séculos obscuros. O feudalismo – sistema econômico, político e social que se fundamentou basicamente sobre a propriedade da terra cedida pelo senhor feudal ao vassalo em troca de serviços mútuos – não permitia o uso da mente.

Para auxiliar o homem a romper definitivamente com essa realidade, onde todas as explicações eram teológicas, certos pensadores europeus passaram a negar a existência de Deus.

Alguns filósofos, tais como Nietzsche (1844–1900), que foi atraído pelo ateísmo de outro filósofo chamado Schopenhauer (1788-1860), pautam seus escritos sob tal perspectiva.

Buscam retirar o ser humano das amarras teológicas medievais, formulando a teoria da morte do Criador, indo de um ponto do pêndulo para o outro. Nesta nova fase, só a razão poderia prevalecer.

Demerval Saviani, autor do livro “Escola e Democracia” (1983), buscando esmiuçar a realidade educacional da atualidade e inspirando-se numa frase de Lênin, fala-nos sobre uma ideia bastante interessante, batizada com o nome de “teoria da curvatura da vara”.

Lênin, quando fora criticado por assumir posições extremistas e radicais, respondeu aos acusadores da seguinte maneira:

“Quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e, se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto”.

Apoio-me nesta fantástica analogia para demonstrar ao caro leitor como o ser humano vem buscando seu ponto de equilíbrio, desde as questões amplas (sociais), até as questões do próprio indivíduo para com ele mesmo, indo de um extremo ao outro, para então acomodar-se no centro – uma posição de equilíbrio e harmonia.

Passamos da fase negra medieval, onde o homem não raciocinava, para a fase da racionalidade total. Num momento negamos a razão, no outro negamos o Espírito, negamos Deus.

Muito satisfatoriamente já podemos perceber um movimento grande no sentido de reconsiderar todos os aspectos que envolvem nossa existência, inclusive reavaliando este mesmo Deus, realizando uma releitura do tema, onde Ele passa a ser explicado como sendo Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas, soberanamente Justo e Bom – muito distante da figura antropomórfica criada no início para nos facilitar o entendimento ainda infantil.

Neste ponto cabe uma pergunta: Será que invariavelmente necessitamos caminhar pelos extremos antes de percebermos a necessidade de considerarmos os múltiplos aspectos existentes e assim tomarmos uma posição mais moderada?

A experiência tem demonstrado que sim. Ao que parece, esta dialética é necessária ao ser humano. Ela faz parte do aprendizado, na construção de todo o seu conhecimento.

Mas isso não quer dizer que devemos compactuar com os extremos. Jesus, o Grande Mestre da antiguidade, certa vez elaborou uma frase muito interessante. Disse ele que “é preciso que haja escândalos, mas ai de quem os provocar”

(Mateus, cap. XVIII, v. de 6 a 11).

Devemos entender aqui como escândalo, não o barraco que acontece na casa do vizinho, mas, no sentido evangélico, como toda atitude que promove desequilíbrio. É todo resultado efetivo do mal moral.

Sim, precisamos passar por fases de aprendizado, muitas vezes complicados e doloridos, porém nunca devemos almejar sermos as ferramentas que causam tais dores.

Nietzsche partiu da Terra para o Outro Lado com sérios problemas de saúde, inclusive mentais. Schopenhauer, sempre pessimista e deprimido, escreveu sobre seus tormentos psicológicos, suas amarguras e carências, denotando também uma mente que, mesmo sendo possuidora de fino trato intelectual, era enferma e desequilibrada.

Retornando à concepção de Deus como sendo o Criador Perfeito que nos ensina através da pedagogia do amor (como ensinava Jesus), necessitamos refletir que, portanto, é Ele quem nos permite estar neste planeta, exatamente da forma como somos – com certos atributos físicos necessários para o desenvolvimento individual e coletivo.

Portanto, quando nos deparamos com criaturas bastante inteligentes (porém limitadas, uma vez que nossos conhecimentos ainda são muito estreitos, no atual estágio evolutivo), que usam seu intelecto para criar mecanismos de destruição da Criação ou até mesmo do Criador, podemos compará-las com jardineiros que recebem a enxada para trabalhar nas terras do patrão e que, num ato de ingratidão e irresponsabilidade, usam esta ferramenta para destruir sua lavoura, para atacá-lo e exterminá-lo.

Assim são os criadores das guerras, da indústria bélica, da engenharia da destruição que ainda assolam o planeta. Assim são aqueles que usam o raciocínio para negar Aquele que nos criou e que nos permite viver.

Dia virá em que todas as nossas experiências extremistas, que nos causam tantos tormentos voluntários, nos conduzirão ao caminho do equilíbrio constante. Será a era do coração aliado à razão. Era da sabedoria.

Enquanto esta fase de harmonia geral não chega, precisamos nos esforçar no sentido de utilizarmos positivamente as nossas inteligências, conjuntamente com nossos melhores sentimentos, no sentido de promovermos o bem, colaborando assim para a construção de um mundo realmente melhor.

Artigo baseado no texto “Missão do homem inteligente na Terra”, contido em:
(O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo VII, item 13.)

7. Instruções dos Espíritos: 7. A desgraça real

24. Toda a gente fala da desgraça, toda a gente já a sentiu e julga conhecer-lhe o caráter múltiplo. Venho eu dizer-vos que quase toda a gente se engana e que a desgraça real não é, absolutamente, o que os homens, isto é, os desgraçados, o supõem. Eles a vêem na miséria, no fogão sem lume, no credor que ameaça, no berço de que o anjo sorridente desapareceu, nas lágrimas, no féretro que se acompanha de cabeça descoberta e com o coração despedaçado, na angústia da traição, na desnudação do orgulho que desejara envolver-se em púrpura e mal oculta a sua nudez sob os andrajos da vaidade. A tudo isso e a muitas coisas mais se dá o nome de desgraça, na linguagem humana. Sim, é desgraça para os que só vêem o presente; a verdadeira desgraça, porém, está nas consequências de um fato, mais do que no próprio fato. Dizei-me se um acontecimento, considerado ditoso na ocasião, mas que acarreta consequências funestas, não é, realmente, mais desgraçado do que outro que a princípio causa viva contrariedade e acaba produzindo o bem. Dizei-me se a tempestade que vos arranca as árvores, mas que saneia o ar, dissipando os miasmas insalubres que causariam a morte, não é antes uma felicidade do que uma infelicidade.

Para julgarmos de qualquer coisa, precisamos ver-lhe as consequências. Assim, para bem apreciarmos o que, em realidade, é ditoso ou inditoso para o homem, precisamos transportar-nos para além desta vida, porque é lá que as consequências se fazem sentir. Ora, tudo o que se chama infelicidade, segundo as acanhadas vistas humanas, cessa com a vida corporal e encontra a sua compensação na vida futura.

Vou revelar-vos a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que acolheis e desejais com todas as veras de vossas almas iludidas. A infelicidade é a alegria, é o prazer, é o tumulto, é a vã agitação, é a satisfação louca da vaidade, que fazem calar a consciência, que comprimem a ação do pensamento, que atordoam o homem com relação ao seu futuro. A infelicidade é o ópio do esquecimento que ardentemente procurais conseguir.

Esperai, vós que chorais! Tremei, vós que rides, pois que o vosso corpo está satisfeito! A Deus não se engana; não se foge ao destino; e as provações, credoras mais impiedosas do que a matilha que a miséria desencadeia, vos espreitam o repouso ilusório para vos imergir de súbito na agonia da verdadeira infelicidade, daquela que surpreende a alma amolentada pela indiferença e pelo egoísmo.

Que, pois, o Espiritismo vos esclareça e recoloque, para vós, sob verdadeiros prismas, a verdade e o erro, tão singularmente deformados pela vossa cegueira! Agireis então como bravos soldados que, longe de fugirem ao perigo, preferem as lutas dos combates arriscados à paz que lhes não pode dar glória, nem promoção! Que importa ao soldado perder na refrega armas, bagagens e uniforme, desde que saia vencedor e com glória? Que importa ao que tem fé no futuro deixar no campo de batalha da vida a riqueza e o manto de carne, contanto que sua alma entre gloriosa no reino celeste?

— Delphine de Girardin. (Paris, 1861.)

Crônicas e Artigos

Nº 104 – 26/04/2009

O Consolador – (Eduardo Augusto Lourenço)

A inveja que mata

VII. Instruções dos Espíritos.

VII. A desgraça real

“Donde vêm as guerras e contendas entre vós? Porventura não vêm disto, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam? Cobiçais e nada tendes; logo matais. Invejais, e não podeis alcançar; logo combateis e fazeis guerras. Nada tendes, porque não pedis.”
(Tiago 4:1-2).

A inveja é um sentimento que leva ao invejoso a ideia de que o bem alheio é considerado um mal próprio. A inveja provém de olharmos o bem do outro e ver que não possuímos, formando um sentimento de inferioridade, incapacidade, deixando-nos menores perante o sucesso alheio.

O coração que se contamina com a inveja vai se tornando amargo, inconformado, revoltado com o que não possui, o que leva à frustração, travando uma competição paranoica com o outro, a ponto de chegar a odiar e até desejar o mal ao invejado.

O ser invejoso não se convence da própria mazela, a satisfação dele é ver o outro triste, aniquilado, arrasado e amargurado com as derrotas.

Infelizmente, este estado de consciência leva o indivíduo à depressão, ao desânimo, a perder o sentido da vida, que passa a ser vista somente pelo ângulo daquilo que não se tem, de modo que o invejoso é um eterno descontente com tudo e com todos.

A inveja tem por características o desejo por atributos, posses, status, habilidades de outra pessoa. Não é necessariamente associada a um objeto: sua característica mais típica é a comparação desfavorável do status de uma pessoa em relação à outra.

O ser em posse da inveja vive desconfiado, como se estivesse numa espécie de estimulante ou droga que penetra a consciência, mesmo que venhamos a imitar o desenvolvimento ou a capacidade do outro, porque achamos positivo, caímos na essência da mesma que é a comparação, e a cada ato de comparação nos afastamos ou aniquilamos a nossa própria realidade, destruindo tudo aquilo que tínhamos formado a nosso respeito.

A inveja é como uma árvore que tem raízes e frutos. A raiz da inveja é a vanglória, e seus frutos são a maledicência, que consiste em falar mal dos outros e difamar a vida alheia, e a insatisfação constante, pois o invejoso acha que a felicidade está sempre “na casa do vizinho” e é, assim, incapaz de se satisfazer com aquilo que tem.

Conforme São Tomás de Aquino, a inveja tem a sua raiz no orgulho. A vanglória é o desejo de se destacar em função do brilho e não do bem em si mesmo, do sucesso ou o bem alcançado, de modo que o sucesso passa a ser a meta de vida, a ponto de se fazer qualquer coisa para alcançá-lo.

Não que o sucesso seja ruim, ele é bom, mas não se pode viver em função dele, ou seja, nossa felicidade não está em função do sucesso ou dos bens e, sim, em função de nossa comunhão com Deus.

O grande Santo Agostinho dizia que “a inveja é o pecado diabólico por excelência”. E se referia a ela como “o caruncho da alma, que tudo rói e reduz a pó”.

A inveja é amiga daquele que não suporta a felicidade dos outros, e que não se conforma em ver alguém realizado, melhor do que ele mesmo.

Fica torcendo pelo mal do outro e, quando este fracassa, diz no seu interior: “bem-feito!”.

Vemos acontecimentos que ocorrem na humanidade sobre a inveja, a história dos irmãos Caim e Abel, no qual Caim matou o seu irmão Abel por inveja
(Cf. Gen. 4).

Também por causa da inveja os filhos do patriarca Jacó venderam o seu filho caçula, José, para os mercadores do Egito. Também por causa da inveja, vimos o rei Saul odiar a Davi e caçá-lo como se fosse um animal a ser morto.
(Cf. 1Sm 18,8;19,1.)

As escrituras sagradas nos relatam, por causa da inveja, a morte de Jesus. O evangelista São Mateus deixa claro: Pilatos dirigiu-se ao povo reunido: “Qual quereis que eu vos solte: Barrabás ou Jesus, que se chama Cristo?” Ele sabia que tinham entregado Jesus por inveja” (Mateus 27, 18).

Santo Agostinho fala sobre a gravidade da inveja: “Terrível mal da alma, vírus da mente e fulminante corrosivo do coração, é invejar os dons de Deus que o irmão possui, sentir-se desafortunado por causa da fortuna dos outros, atormentar-se com o êxito dos demais, cometer um crime no segredo do coração, entregando o espírito e os sentidos à tortura da ansiedade; destroçar-se com a própria fúria!”

O apóstolo Paulo de Tarso, em sua carta a Tito, dizia: “Porque também nós outrora éramos insensatos, rebeldes, vivendo na malícia e na inveja”.

Essa embriaguez da inveja consiste justamente na incapacidade de perceber que este sentimento nos leva a uma vida infeliz, solitária e amarga, por mais que tenhamos nunca teremos tudo, ou seja, sempre haverá algo a que invejar.

O psicólogo Alfred Adler diz que “A mais grave contradição é que a pessoa que mais sente a inveja é justamente aquele tipo de personalidade que mais poderia desfrutar o prazer ou sucesso pessoal, deslocando sua fonte de satisfação e crescimento para o inferno de ter de observar ou medir o que o outro obteve primeiro.

Neste ponto podemos afirmar que o amor sempre invejou qualquer tipo de vício, pois este último possui uma capacidade de impregnação na alma humana além de qualquer outro sentimento positivo.

É só refletirmos para o problema das drogas ou da violência, que não demoraremos a perceber a veracidade de tal conceito.

Há muito que não sabemos o que fazer com nosso lado íntimo e pessoal, sendo inevitáveis os desastres na história de nossa afetividade.

Podemos até ser treinados para a convivência de determinada limitação causada por doença física; mas as sequelas psicológicas de infelicidades passadas são tabus na compreensão total sobre o que nos tornamos após todas as experiências vividas”.

Segundo o psiquiatra suíço, Carl Gustav Jung (1875-1961), todas as faces escuras, ameaçadoras e indesejáveis da personalidade são chamadas de sombra:

“Reconhecer e aceitar seu lado sombrio é o primeiro passo para ter equilíbrio emocional e melhorar a qualidade de todas as relações. A sombra faz parte de nosso inconsciente e, se não for encarada, dominará todas as ações, nos rouba a tranquilidade para aceitar os ciclos da vida, nos tira a beleza, o ânimo e, o pior de tudo, a capacidade de amar, que é justamente o mais iluminado dos sentimentos”.

Sigmund Freud diz que:

“A inveja jamais nos dará trégua ou férias acerca de uma autoestima precária que conquistamos; sendo uma espada dilacerante” que corta nossa alma quando lembramos dos grandes desejos irrealizados, mas que nosso “vizinho” talvez os tenha obtido.

Temos um vício quase que perpétuo de achar que o fracasso apenas é reservado para nossa pessoa. Isto se agrava pela hipocrisia social e pelo fato das pessoas a cada dia estarem mais treinadas na arte da dissimulação ou disfarce de sua real condição”.

Ninguém no mundo filosófico analisou sobre a inveja melhor do que o filósofo Nietzsche, colocando a inveja como categoria descritiva.

Quando ele comenta sobre o “fraco”, “escravo” ou “doente”, antes de estes indivíduos serem só ressentidos, são invejosos, corroídos com um tacão no peito, que o sangra dia após noite: a inveja.

Ele dizia que o invejoso não aparece. Ele se esconde, é sorrateiro, resguardado pelo seu nome que é uma capa, pois ninguém sabe quem é ele. O nome de alguém que nada fez é um nome que vale como uma máscara de ladrão. Pode usar o nome, mas o nome não diz nada. É

assim que o invejoso, o “fraco” de Nietzsche, age rotineiramente: ele é como o inseto, também um exemplo nietzschiano, que muda de cor para se parecer com a paisagem. A covardia e a inveja são irmãs.

Uma equipe de cientistas japoneses conseguiu identificar a região do cérebro que controla o sentimento de inveja.

A descoberta poderá ajudar os profissionais da área de saúde a lidar melhor com pessoas que sofrem do problema.

“A inveja pode levar uma pessoa a praticar um ato destrutivo e até criminoso, para conseguir o que deseja”, disse Hidehiko Takahashi, 37 anos, pesquisador-chefe do Departamento de Neuroimagem Molecular do Instituto Nacional de Ciência Radiológica.

A pesquisa, que durou um ano e meio, estudou o comportamento de 19 pessoas em boas condições de saúde.

Durante os experimentos, eles tiveram os cérebros monitorados por aparelhos de ressonância magnética.

Explicou Takahashi:

“Antes de monitorarmos as atividades cerebrais, pedíamos aos participantes para se imaginarem integralmente nas situações descritas, como se fossem reais e estivessem acontecendo com eles”.

Disse Takahashi que as pessoas eram induzidas a imaginar um cenário que envolvia outras três personagens, duas delas seriam hipoteticamente mais capazes e inteligentes do que os voluntários da pesquisa.

Quando os voluntários sentiam inveja, a parte do córtex dorsal anterior do cérebro era ativada. “Pessoas muito invejosas tendem a ter uma grande atividade nessa região do cérebro, que é responsável pela dor física e também é associada à dor mental”, contou o pesquisador.

Segundo os especialistas, isto indica que as pessoas invejosas sentem mais prazer com a desgraça alheia.

O resultado da pesquisa foi publicado na última edição do American Journal of Science.

Por isso, diz o iluminado Buda:

Se julgarmos os outros, isso cria em nós emoções negativas como a cólera, o ódio, a inveja, e isso entrava nossa saúde física e psíquica.

A agitação mental causada por nossos julgamentos pode mesmo nos fazer perder o sono e nos fazer viver, sem cessar, sob tensão.

Respeitar os outros como eles são é o que existe de mais salutar para nosso corpo e para nosso espírito.

É a própria essência do Mahayana:

“Considero todos os seres vivos mais preciosos que as mais preciosas pérolas. Possa eu por todo o tempo cuidar deles, e isso me levará ao objetivo”.

7. Instruções dos Espíritos: 8. A melancolia

25. Sabeis por que, às vezes, uma vaga tristeza se apodera dos vossos corações e vos leva a considerar amarga a vida? É que vosso Espírito, aspirando à felicidade e à liberdade, se esgota, jungido ao corpo que lhe serve de prisão, em vão esforços para sair dele. Reconhecendo inúteis esses esforços, cai no desânimo e, como o corpo lhe sofre a influência, toma-vos a lassidão, o abatimento, uma espécie de apatia, e vos julgais infelizes.

Crede-me, resisti com energia a essas impressões que vos enfraquecem a vontade. São inatas no espírito de todos os homens as aspirações por uma vida melhor; mas, não as busqueis neste mundo e, agora, quando Deus vos envia os Espíritos que lhe pertencem, para vos instruírem acerca da felicidade que Ele vos reserva, aguardai pacientemente o anjo da libertação, para vos ajudar a romper os liames que vos mantêm cativo o Espírito. Lembrai-vos de que, durante o vosso degredo na Terra, tendes de desempenhar uma missão de que não suspeitais, quer dedicando-vos a vossa família, quer cumprindo as diversas obrigações que Deus vos confiou. Se, no curso desse degredo provação, exonerando-vos dos vossos encargos, sobre vós desabarem os cuidados, as inquietações e tribulações, sede, fortes e corajosos para os suportar. Afrontai-os resolutos. Duram pouco e vos conduzirão à companhia dos amigos por quem chorais e que, jubilosos por ver-vos de novo entre eles, vos estenderão os braços, a fim de guiar-vos a uma região inacessível às aflições da Terra.

— François de Genève. (Bordeaux.)

Crônicas e Artigos

Nº 18 – 15/08/2007

O Consolador – (Rogério Coelho)

VII. Instruções dos Espíritos.

VIII. A melancolia

Desânimo e desassossego

“Expulsa a melancolia de tua alma, essa hóspede teimosa que te envolve no dossel de mil amarguras, segregando desânimo e desassossego”.

(Joanna de Ângelis)

Todos nós, os viajores da Eternidade, precisamos estar atentos aos variegados fatores que retardam a marcha de nosso progresso, que é a meta assinada por Deus para todas as Suas criaturas.

Muitos desses fatores fogem ao nosso controle porque são externos, mas a maioria deles são internos e perfeitamente controláveis.

Segundo Joanna de Ângelis, melancolia é também enfermidade ou síndrome de obsessão, vitimando magotes de criaturas que formam compacta massa de vivos mortos que pululam em gabinetes de psicanálises, buscando soluções que só raramente se resolvem aceitar e seguir.

Sensível a esta questão, Allan Kardec pergunta aos Espíritos Superiores (1):

“Donde nasce o desgosto da Vida, que, sem motivos plausíveis, se apodera de certos indivíduos?” E obtém a seguinte resposta:

“Efeito da ociosidade, da falta de fé e, também, da saciedade. Para aquele que usa de suas faculdades com fim útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a Vida se escoia mais rapidamente. Ele lhe suporta as vicissitudes com tanto mais paciência e resignação, quanto obra com o fito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera.”

Joanna de Ângelis identifica ainda outro motivo que pode gerar a melancolia e o desassossego, e esse se relaciona com as experiências pretéritas. Diz a Mentora:

“Os abusos do pretérito culposos se manifestam como tristeza indefinida, disfarçando o remorso que a carne abafa nos centros da memória perispiritual”.

A nobre Mentora aconselha:

“Se te sentes com os movimentos interditos pelas malhas perigosas da melancolia, expulsa com esforço titânico as trevas que te envolvem e faze luz íntima, acendendo a lâmpada do Evangelho na mente turbilhonada”.

François de Genève retoma o tema em formosa página intitulada **A MELANCOLIA:**

“Sabeis por que, às vezes, uma vaga tristeza se apodera dos vossos corações e vos leva a considerar amarga a Vida? É que vosso Espírito, aspirando à felicidade e à liberdade, se esgota, jungido ao corpo que lhe serve de prisão, em vão esforços para sair dele. Reconhecendo inúteis esses esforços, cai no desânimo e, como o corpo lhe sofre a influência, toma-vos a lassidão, o abatimento, uma espécie de apatia, e vos julgais infelizes.

Crede-me, resisti com energia a essas impressões que vos enfraquecem a vontade. São inatas no Espírito de todos os homens as aspirações por uma Vida melhor; mas, não as busqueis neste mundo e, agora, quando Deus vos envia os Espíritos que lhe pertencem, para vos instruírem acerca da felicidade que Ele vos reserva, aguardai pacientemente o anjo da libertação, para vos ajudar a romper os liames que vos mantêm cativo o Espírito. Lembrai-vos de que, durante o vosso degredo na Terra, tendes de desempenhar uma missão de que não suspeitais, quer dedicando-vos a vossa família, quer cumprindo as diversas obrigações que Deus vos confiou.

Se, no curso desse degredo provação, exonerando-vos dos vossos encargos, sobre vós desabarem os cuidados, as inquietações e tribulações, sedes fortes e corajosos para os suportar. Afrontai-os resolutos. Duram pouco e vos conduzirão à companhia dos amigos por quem chorais e que, jubilosos por ver-vos de novo entre eles, vos estenderão os braços, a fim de guiar-vos a uma região inacessível às aflições da Terra”.

(1) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (questão 943.)

7. Instruções dos Espíritos:

9. Provas voluntárias. O verdadeiro cilício

26. Perguntais se é lícito ao homem abrandar suas próprias provas. Essa questão equivale a esta outra: É lícito, àquele que se afoga, cuidar de salvar-se? Àquele em quem um espinho entrou, retirá-lo? Ao que está doente, chamar o médico? As provas têm, por fim, exercitar a inteligência, tanto quanto a paciência e a resignação. Pode dar-se que um homem nasça em posição penosa e difícil, precisamente para se ver obrigado a procurar meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em sofrer, sem murmurar, as consequências dos males que lhe não seja possível evitar, em perseverar na luta, em se não desesperar, se não é bem-sucedido; nunca, porém, numa negligência que seria mais preguiça do que virtude.

Essa questão dá lugar naturalmente a outra. Pois, se Jesus disse: “Bem-aventurados os aflitos”, haverá mérito em procurar, alguém, aflições que lhe agravem as provas, por meio de sofrimentos voluntários? A isso responderei muito positivamente: sim, há grande mérito quando os sofrimentos e as privações objetivam o bem do próximo, porquanto é a caridade pelo sacrifício; não, quando os sofrimentos e as privações somente objetivam o bem daquele que a si mesmo as inflige, porque aí só há egoísmo por fanatismo.

Grande distinção cumpre aqui se faça: pelo que vos respeita pessoalmente, contentai-vos com as provas que Deus vos manda e não lhes aumenteis o volume, já de si por vezes tão pesado; aceitá-las sem queixumes e com fé, eis tudo o que de vós exige ele. Não enfraqueçais o vosso corpo com privações inúteis e macerações sem objetivo, pois que necessitais de todas as vossas forças para cumprirdes a vossa missão de trabalhar na Terra. Torturar e martirizar voluntariamente o vosso corpo é contravir a lei de Deus, que vos dá meios de o sustentar e fortalecer. Enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usai, mas não abuseis, tal a lei. O abuso das melhores coisas tem a sua punição nas inevitáveis consequências que acarreta.

Muito diverso é o que ocorre, quando o homem impõe a si próprio sofrimentos para o alívio do seu próximo. Se suportardes o frio e a fome para aquecer e alimentar alguém que precise ser aquecido e alimentado e se o vosso corpo disso se ressentir, fazeis um sacrifício que Deus abençoa. Vós que deixais os vossos aposentos perfumados para irdes à mansarda infecta levar a consolação; vós que sujais as mãos delicadas pensando chagas; vós que vos privais do sono para velar à cabeceira de um doente que apenas é vosso irmão em Deus; vós, enfim, que despendeis a vossa saúde na prática das boas obras, tendes em tudo isso o vosso cilício, verdadeiro e abençoado cilício, visto que os gozos do mundo não vos secaram o coração, que não adormecestes no seio das volúpias enervantes da riqueza, antes vos constituístes anjos consoladores dos pobres deserdados.

Vós, porém, que vos retirais do mundo, para lhe evitar as seduções e viver no insulamento, que utilidade tendes na Terra? Onde a vossa coragem nas provações, uma vez que fugis à luta e desertais do combate? Se quereis um cilício, aplicai-o às vossas almas e não aos vossos corpos; mortificai o vosso Espírito e não a vossa carne; fustigai o vosso orgulho, recebei sem murmurar as humilhações; flagiciai o vosso amor-próprio; enrijai-vos contra a dor da injúria e da calúnia, mais pungente do que a dor física. Aí tendes o verdadeiro cilício cujas feridas vos serão contadas, porque atestarão a vossa coragem e a vossa submissão à vontade de Deus.

— Um anjo guardião. (Paris, 1863.)

Crônicas e Artigos

Nº 74 – 21/09/2008

O Consolador – (Thiago Bernardes)

VII. Instruções dos Espíritos.

IX. Provas voluntárias. O verdadeiro cilício

Escolha das provas

O Espírito pode escolher uma prova muito rude

1. Sob a influência das ideias carnis, o homem, na Terra, só vê das provas o lado penoso. Eis a razão por que lhe parece natural sejam escolhidas as provas que, do seu ponto de vista, podem coexistir com os gozos materiais.
2. Na vida espiritual, porém, compara esses gozos fugazes e grosseiros com a inalterável felicidade que lhe é dado entrever, e desde logo nenhuma impressão mais lhe causam os passageiros sofrimentos terrenos.
3. Assim, pois, o Espírito pode escolher prova muito rude e, conseqüentemente, uma angustiada existência, na esperança de alcançar depressa um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável para se curar de pronto.
4. Aquele que intenta ligar seu nome à descoberta de um país desconhecido não procura trilhar estrada florida. Conhece os perigos a que se arrisca, mas também sabe que o espera a glória, se lograr bom êxito.
5. A doutrina da liberdade que temos de escolher as nossas existências e as provas que devemos sofrer deixa de parecer singular, desde que se entenda que os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-las. Divisam a meta, que bem diferente é para eles dos gozos fugitivos do mundo.

A existência terrena é mera cópia da vida espiritual

6. Após cada existência, veem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem a meta. Daí o se submeterem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer que a alcancem mais rapidamente.
7. Não há, pois, motivo de espanto no fato de o Espírito não preferir uma existência mais suave. Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Ele sabe disso e, precisamente para chegar a fruí-la, é que trata de se melhorar.
8. Não vemos, aliás, todos os dias exemplos de escolhas tais? Que faz o homem que passa uma parte de sua vida a trabalhar sem trégua nem descanso, para reunir haveres que lhe assegurem o bem-estar na velhice? O militar que se oferece para uma perigosa missão, o navegante que afronta não menores perigos, por amor da ciência ou no seu próprio interesse, que é que fazem, senão sujeitar-se a provas voluntárias de que lhes advirão honras e proveito, se nelas não sucumbirem?
9. A que sacrifícios não se submete ou se expõe o homem movido por interesses diversos? E os concursos? Não são eles também provas voluntárias a que as pessoas se sujeitam com vistas a avançarem na carreira abraçada? Ninguém galga qualquer posição nas ciências, nas artes, na indústria, senão passando pela série de posições inferiores, que constituem igualmente outras tantas provas.
10. A existência terrena é, pois, cópia da vida espiritual. Nela se nos deparam em ponto pequeno todas as peripécias da outra. Ora, se na existência terrena muitas vezes escolhemos duras provas, visando a uma posição mais elevada, por que não haveria o Espírito – que enxerga muito mais longe – de escolher uma existência árdua e laboriosa, desde que isso o conduza à felicidade eterna?

O encarnado é qual viajante no sopé da montanha

11. Os que dizem preferir terem nascido príncipes ou milionários, assemelham-se aos míopes, que apenas veem aquilo em que tocam. São como o viajante que atravessa profundo vale

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

ensombrado por espesso nevoeiro. Ele não logra apanhar com a vista a extensão da estrada por onde vai, nem os seus pontos extremos. Chegando, porém, ao cume da montanha, abrange com o olhar quanto percorreu do caminho e quanto ainda lhe resta percorrer. Divisa-lhe o termo, vê os obstáculos que deve transpor e combina então os meios mais seguros de atingi-lo.

12. O Espírito encarnado é qual viajante no sopé da montanha. Desenleado dos liames corpóreos, sua visão a tudo domina, como a daquele que subiu ao topo do monte. Para o viajor, no termo da sua jornada está o repouso após a fadiga; para o Espírito, está a felicidade suprema, após as tribulações e as provas.

13. Dizem os Espíritos que, na erraticidade, eles se aplicam a pesquisar, estudar, observar, para fazerem sua escolha. Não se oferece, na vida corpórea, um exemplo desse fato? Não levamos, frequentemente, anos a procurar a carreira pela qual afinal nos decidimos, certos de ser a mais apropriada a nos facilitar o caminho da vida?

14. Se numa o nosso intento se malogra, recorremos a outra. Cada uma das que abraçamos representa uma fase, um período da vida. Não nos ocupamos cada dia em cogitar do que faremos no dia seguinte? Ora, que são para o Espírito as diversas existências corporais, senão fases, períodos, dias da sua vida de Espírito? E fases – entendamos bem – transitórias, passageiras, porquanto a vida espiritual é que é a vida normal, porque, afinal de contas, somos Espíritos e não um amontoado de ossos e músculos.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (itens 258, 259 e 266.)

André Luiz, Os Mensageiros, (psicografia Chico Xavier), (pp. 41 a 71.)

7. Instruções dos Espíritos: 10. Dever-se-á pôr termo às provas do próximo?

27. Deve alguém pôr termo às provas do seu próximo quando o possa, ou deve, para respeitar os desígnios de Deus, deixar que sigam seu curso?

Já vos temos dito e repetido muitíssimas vezes que estais nessa Terra de expiação para concluirdes as vossas provas e que tudo que vos sucede é consequência das vossas existências anteriores, são os juros da dívida que tendes de pagar. Esse pensamento, porém, provoca em certas pessoas reflexões que devem ser combatidas, devido aos funestos efeitos que poderiam determinar.

Pensam alguns que, estando-se na Terra para expiar, cumpre que as provas sigam seu curso. Outros há, mesmo, que vão até ao ponto de julgar que, não só nada devem fazer para as atenuar, mas que, ao contrário, devem contribuir para que elas sejam mais proveitosas, tornando-as mais vivas. Grande erro. É certo que as vossas provas têm de seguir o curso que lhes traçou Deus; dar-se-á, porém, conheceis esse curso? Sabeis até onde têm elas de ir e se o vosso Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento de tal ou tal dos vossos irmãos: “Não irás mais longe?” Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo da consolação para fazer cicatrizar as chagas que a sua justiça abrirá? Não digais, pois, quando virdes atingido um dos vossos irmãos: “É a justiça de Deus, importa que siga o seu curso.” Dizei antes:

“Vejam os meus irmãos o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. Vejam se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não me deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz.”

Ajudai-vos, pois, sempre, mutuamente, nas vossas respectivas provações e nunca vos considereis instrumentos de tortura. Contra essa ideia deve revoltar-se todo homem de coração, principalmente todo espírita, porquanto este, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. Deve o espírita estar compenetrado de que a sua vida toda tem de ser um ato de amor e de devotamento; que faça ele o que fizer para se opor às decisões do Senhor, estas se cumprirão. Pode, portanto, sem receio, empregar todos os esforços por atenuar o amargor da expiação, certo, porém, de que só a Deus cabe detê-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente.

Não haveria imenso orgulho, da parte do homem, em se considerar no direito de, por assim dizer, revirar a arma dentro da ferida? De aumentar a dose do veneno nas vísceras daquele que está sofrendo, sob o pretexto de que tal é a sua expiação? Oh! considerai-vos sempre como instrumento para fazê-la cessar. Resumindo: todos estais na Terra para expiar mas todos, sem exceção, deveis esforçar-vos por abrandar a expiação dos vossos semelhantes, de acordo com a lei de amor e caridade.

— Bernardino, Espírito protetor. (Bordéus, 1863.)

Especial

Nº 18 – 15/08/2007

O Consolador – (Angélica Reis)

VII. Instruções dos Espíritos.

X. dever-se a pôr a termo as provas do próximo?

Respeito a vida. Eutanásia, não!

A Federação Espírita Brasileira publicou e tem distribuído às instituições espíritas do País um interessante opúsculo intitulado **Respeitemos a vida. Eutanásia, não!**. Trata-se de um esforço no sentido do esclarecimento das pessoas que defendem a prática da eutanásia mais por desconhecimento das leis divinas do que por maldade.

Como alerta o documento logo no prefácio, tais pessoas justificam seus pontos de vista “invocando piedade frente aos atrozes sofrimentos alheios nos leitos de agonia e de padecimentos físicos”.

A pergunta que se faz então, em momentos como esses: Será permitido ao homem destruir o que não pode criar?

O livreto da FEB contém, além do prefácio, treze diferentes textos, a seguir enumerados: Enfoque da Codificação Espírita (O Livro dos Espíritos, questão 953)

- Dever-se-á pôr termo às provas do próximo? (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, item 27)
- Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura? (Idem, cap. V, item 28)
- Sobre a vida (Reformador, janeiro de 1994, p. 4, artigo de Juvanir Borges de Souza)
- Condenação à eutanásia (O Consolador, pergunta 106, de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier)
- Junto a um leito de dor (Sexo e Destino, cap. 7, de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira)
- Sofrimento e eutanásia (Religião dos Espíritos, pp. 59 e 60, de Emmanuel, psicografado por Francisco Cândido Xavier)
- Expição (Reformador, outubro de 1994, p. 297, artigo de Weimar Muniz de Oliveira)
- Ante moribundos (Temas da Vida e da Morte, pp. 73 a 76, de Manoel Philomeno de Miranda, psicografado por Divaldo Franco)
- Eutanásia, nunca! (Reformador, dezembro de 1990, mensagem de Vianna de Carvalho, psicografada por Divaldo Franco)
- Espiritismo e eutanásia (O Pensamento de Emmanuel, pp. 178 e 179, de Martins Peralva)
- Eutanásia (Reformador, outubro de 1994, p. 297, artigo de Weimar Muniz de Oliveira)
- Não matarás (O Sermão da Montanha, pp. 70 e 71, de Rodolfo Calligaris).

O caso Diane Pretty

Todas as pessoas que lerem os textos acima não sairão da leitura com dúvida alguma a respeito do tema, ou seja, que não devemos “abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar maiores lágrimas no futuro”, conforme a orientação do Espírito de São Luís:

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V, item 28), confirmada por Emmanuel na resposta dada à pergunta 106 do livro O Consolador:

“O homem não tem o direito de praticar a eutanásia, em caso algum, ainda que a mesma seja a demonstração aparente de medida benfazeja”.

Permitimo-nos, no entanto, tecer outras considerações a respeito do assunto.

É preciso inicialmente lembrar que diversas tentativas têm sido feitas no mundo para legalizar a eutanásia, um tema que vem produzindo polêmicas desde 1903, quando o Parlamento da Alemanha vetou proposta nesse sentido.

Dez anos atrás, em 1997, o Estado americano do Oregon aprovou iniciativa semelhante, mas a Suprema Corte dos Estados Unidos impediu que o assunto prosperasse, dada a sua flagrante inconstitucionalidade.

Ao que se sabe, o primeiro país a legalizar a eutanásia foi a Holanda e seus defensores, ao elogiarem a medida, justificaram-se dizendo que a lei holandesa era importante e mesmo muito boa porque, segundo seus termos, só alcança adultos com doenças incuráveis e que estejam sofrendo de forma insuportável. Por que, então, negar-lhes o desejo de morrer, se é isso que eles realmente querem?

Na mesma ocasião em que a Holanda aprovava a eutanásia, a Justiça britânica teve de manifestar-se diante do caso Diane Pretty, cuja história causou comoção especialmente na Europa. Diane, aos 42 anos de idade, sofria de uma doença degenerativa desde 1999. Parálitica do pescoço para baixo, vivia em uma cadeira de rodas, mal conseguia falar e era alimentada por um tubo. Segundo o marido, Brian, com quem estava casada havia 25 anos, a mulher se encontrava em estado terminal, conquanto sua capacidade mental, de acordo com os médicos, não estivesse afetada.

Diane recorreu, então, à Justiça para ter o direito de morrer com a ajuda de Brian – uma ajuda que atende pelo nome de eutanásia ativa – mas teve o pedido negado pela Alta Corte da Inglaterra, onde a eutanásia é proibida. No veredicto da Justiça disseram os juízes que os direitos humanos correspondem a “viver com dignidade e não a morrer com dignidade”.

No campo da chamada eutanásia passiva, numa sentença que ficará, com certeza, assinalada na história da Inglaterra, a juíza Elizabeth Butler-Sloss, atendendo à vontade de uma mulher tetraplégica, determinou fosse interrompido o funcionamento da máquina que a mantinha viva.

A paciente, de 43 anos, havia ficado paralisada do pescoço para baixo em consequência da ruptura de um vaso sanguíneo e não conseguia respirar sem ajuda de aparelhos.

Os médicos que a atendiam afirmaram que a suspensão do funcionamento dos equipamentos de manutenção feria de forma frontal o código de ética médica; por isso, manifestaram-se contra o pedido. Deborah Annetts, diretora da Sociedade de Eutanásia, considerou a sentença como a vitória do bom senso, enquanto os oponentes da chamada morte piedosa viram nessa decisão um precedente perigoso.

A eutanásia não passa de uma fuga

Os que apoiam decisões como a da juíza Butler-Sloss entendem que ninguém pode opor-se à efetiva vontade do paciente. Foi o que a Corte britânica fez. Como divulgado pelos jornais, os magistrados foram até o leito hospitalar para ouvir a enferma pedir: “Eu quero poder morrer”.

Os adversários da medida, em contraste a esse pensamento, opõem uma objeção importante, que é a possibilidade concreta de que problemas como o da mulher tetraplégica possam ser resolvidos com os avanços tecnológicos que vêm enriquecendo de forma crescente os tratamentos médicos.

Evidentemente, nada se pode fazer quanto a uma pessoa que decide matar-se, supondo-se que ela possa atentar contra a própria vida sem auxílio externo. O suicídio, diante das leis humanas, esgota-se no próprio ato. Nenhum tribunal pode punir o suicida.

Cousa diferente se passa quando se analisa o assunto à luz da justiça divina, fato que escapa à competência dos juízes terrenos e penetra a esfera das concepções religiosas.

De acordo com a lei natural, o suicídio não passa, numa perspectiva espírita, de um equívoco que só sofrimentos traz àquele que o busca, sem resolver problema algum. A eutanásia, que, felizmente, não é admitida pela legislação brasileira, é outro equívoco que uma pessoa equilibrada jamais aconselhará a um ente querido.

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

Ninguém – ensinou-nos Jesus – carrega um fardo superior às próprias forças. Interromper a marcha de uma prova ou de uma expiação anula seus efeitos e obriga o indivíduo a repeti-la. Como não queremos tal coisa para nós, é injusto propô-la ou permiti-la àqueles que nos cercam.

Vimos à Terra num corpo material para progredirmos tanto no aspecto intelectual quanto no aspecto moral. Uma boa formação educacional é tão valiosa para o crescimento humano quanto viver no interior de uma selva assistindo os nativos. Há os que brilham nas academias do mundo, mas há os que crescem no leito de um hospital. A eutanásia não passa de uma fuga e, como toda e qualquer fuga, não pode ter o beneplácito das potências espirituais que guiam o planeta. Ninguém premia o desertor, mas é costume humano premiar o herói que cai no front sob as balas do inimigo.

Morrer com dignidade é, ao contrário do que os materialistas pensam, enfrentar todas as agruras de uma existência difícil, com os olhos postos no futuro brilhante que – ninguém duvide – há de suceder aos maus momentos da nossa caminhada.

**7. Instruções dos Espíritos: 11. Será lícito abreviar a vida de um doente
que sofra sem esperança de cura?**

28. Um homem está agonizante, presa de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será lícito pouparem-se-lhe alguns instantes de angústias, apressando-se-lhe o fim?

Quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir o homem até a borda do fosso, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e alimentar ideias diversas das que tinha? Ainda que haja chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira. A Ciência não se terá enganado nunca em suas previsões?

Sei bem haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, existe a possibilidade, atestada por inúmeros exemplos, de o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanimar-se e recobrar por alguns instantes as faculdades! Pois bem: essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância. Desconheceis as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento.

O materialista, que apenas vê o corpo e em nenhuma conta tem a alma, é inapto a compreender essas coisas; o espírita, porém, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto o puderdes; mas, guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro.

— São Luís. (Paris, 1860.)

Especial

Nº 458 – 27/03/2016

O Consolador – (Victor Passos)

VII. Instruções dos Espíritos.

XI. Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura?

Levantou o véu da eutanásia

À luz do Espiritismo não há explicação que justifique a eutanásia

Este é um tema que agora começa a mexer de novo com os cidadãos portugueses, principalmente pelas preocupações que ele levanta, sejam de ética médica, bem como de conceito de opção. Tentaremos com este artigo mostrar que é preciso perceber o conteúdo do que falamos ou fazemos, a fim de que depois não criemos fragilidades para nós mesmos e, com isso, problemas conscienciais.

Antes de qualquer referendo e sua resposta devemos procurar perceber bem aquilo no que nos metemos. Quando falamos em termo de uma vida, várias são as concessões a verificar, quer no conceito, quer na posição.

Todos já ouviram falar em Distanásia e Ortotanásia. Desvendemos estas situações relacionadas com o termo da vida.

Distanásia significa o capricho terapêutico para adiar uma morte iminente.

Ortotanásia constitui a morte em seu processo natural, sem se prolongar o tratamento do indivíduo enfermo.

Eutanásia é a prática pela qual se abrevia a vida de um enfermo incurável de maneira controlada e assistida por um especialista.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que a eutanásia pode ser dividida em dois grupos:

“**eutanásia ativa**” e a “**eutanásia passiva**”. Embora existam duas “classificações” possíveis de eutanásia, está em si consiste no ato de facultar a morte sem sofrimento a uma pessoa cujo estado de doença é crônico e, portanto, incurável, normalmente associado a um imenso sofrimento físico e psíquico.

A “**eutanásia ativa**” conta com um delineado grupo de ações que têm por objectivo pôr termo à vida, na medida em que é preparada e ajustada entre o doente e o profissional que vai levar a termo o ato.

A “**eutanásia passiva**”, por sua vez, não instiga intencionalmente a morte, no entanto, com o passar do tempo, conjuntamente com a interrupção de todos e quaisquer cuidados médicos, farmacológicos ou outros, o doente acaba por falecer. São expiradas todas e quaisquer ações que tenham como fim prolongar a vida. Não há por isso um ato que provoque a morte (tal como na eutanásia ativa), mas também não há nenhum que a impeça (como na distanásia).

Diferença entre eutanásia e “suicídio assistido”

É importante distinguir eutanásia de “suicídio assistido”, na medida em que na primeira é uma terceira pessoa que a executa, e no segundo é o próprio doente que provoca a sua morte, ainda que para isso disponha da ajuda de terceiros.

Etimologicamente, distanásia é o oposto de eutanásia. A distanásia defende que devem ser utilizadas todas as possibilidades para prolongar a vida de um ser humano, ainda que a cura não seja uma possibilidade e o sofrimento se torne demasiadamente penoso.

Notamos que existe uma onda de enormes posições favoráveis à eutanásia. Basta olharmos para o Governo a tomar medidas sem pensar nas consequências destas, com a agravante de querer decidir com suas vozes algo que o povo não tomou como opção.

Tais posições, na maioria das vezes, são motivadas pelo sentimento de compaixão em relação ao sofrimento do doente em fase terminal, preso à sua cama, com a sentença dada pelo diagnóstico médico de que a situação é irreversível.

Muitas vezes, percebe-se a existência de interesses ocultos, geralmente relacionados com questões de ordem econômico-financeira, ou a presença de sentimentos egoístas que levam à necessidade de libertar o doente, para emancipar-se do compromisso e do comprometimento com o mesmo.

O contexto materialista e acessório que percorre a sociedade contemporânea, em relação à eutanásia, surge como um eflúvio, que liberta o ser de um sofrimento inútil, já que não existe uma possibilidade de cura ou de retorno à consciência. Mas quem sabe o limite de espera dessa situação?!

Essa questão, refletida à luz do Espiritismo, remete-nos à análise de dois pontos fundamentais: a Reencarnação e a Lei de Causa e Efeito.

A reencarnação é um processo que possibilita o desenvolvimento intelecto moral do ser, através da pluralidade das existências, e viabiliza o crescimento íntimo que geralmente é lento, mas contínuo. Sabemos que “A experiência física é um momento muitíssimo breve para conquista dos tesouros insonháveis da sabedoria que provém de Deus”.

Assim sendo, em cada experiência física o Ser progride paulatinamente, seja pela dor ou pelo amor, na sua caminhada em busca da perfeição.

Logo, a vida é uma doação que recebemos, para que possamos cumprir os nossos processos evolutivos, numa trajetória ascensionária para Deus.

O percurso da evolução é lento e muitas vezes penoso

O corpo é o aparelho bendito que possibilita a existência para ensejo redentor da reencarnação. Ele é afeiçoado de acordo com as matrizes do perispírito que tem em seu registro todos os princípios de virtuosismo ou as dívidas adquiridas pelo Ser espiritual nas suas sucessivas reencarnações.

Assim, por consequência, somos os artesãos desse valioso aparelho, através do qual seguimos na marcha com rumo à sublimidade.

As diferentes metodologias das enfermidades pelas quais caímos podem ter sua geração em atitudes menos saudáveis que abraçamos na existência atual, decorrentes das tempestades do passado.

O percurso de evolução é lento, muitas vezes penoso, porém justo, de acordo com as especificidades de cada ser.

“O homem é o construtor de si mesmo sob a inalienável observância e o determinismo das soberanas Leis. Legatário das próprias experiências, plasma numa etapa o envoltório de que se revestirá na próxima, enrodilhando-se no cipoal dos remorsos ou elaborando as asas com que, livre, planará nos espaços da consciência reta.”

Tendo em conta a Lei de Causa e Efeito, o Ser vivencia na atual vida, as reações de suas ações do passado, portanto é o juiz de seus atos e, também, responsável por tudo de bom como de mal que lhe acontece.

Assim, a aflição humana constitui-se em via de redenção espiritual, devido à imperfeição moral do ser. Através dela, o homem resgata os compromissos assumidos no passado delituoso, ao mesmo tempo em que repara as transgressões cometidas contra os códigos constituídos pela Lei da Vida, subindo na hierarquia evolutiva e deixando à retaguarda o seu primitivismo animal.

Diante da compreensão e anuência da reencarnação, do entendimento de que a justiça é feita através do próprio Ser pelo seu proceder, não há como aceitar a eutanásia.

Esta mostra-se como delito ante a consciência da realidade espiritual. Não cabe ao homem determinar sobre a vida ou morte de seu próximo, mesmo que este se encontre em

extremo sofrimento, moribundo ou em outros tormentos crônicos. Incumbe somente a Deus precisar a hora do término da provação.

Quem somos nós, para antecipar o tempo necessário dum resgate edificante? Quem abona que o doente não possa restabelecer-se de forma inesperada? Quem pode afirmar que a ciência nunca fracassou? E se a ciência descobre a cura?

Perante o Espiritismo não há explicação que justifique a utilização da eutanásia; temos que respeitar a vida humana até o extremo suspiro e, além dele, na verdadeira vida – a espiritual.

Acobertar a eutanásia é um equívoco

Quando o homem for inspirado pela fé verdadeira, entenderá a real definição da dor e da comiseração, e a eutanásia não será mais motivo de altercação e inquietação, pois as diligências serão todas trazidas no sentido do auxílio, para que os irmãos em agonia possam chegar ao término de sua marcha terrena desempenhando com êxito suas provas e expiações, para partirem em paz rumo à libertação total.

Essa, a opinião dos nossos Irmãos espirituais:

28. Um homem está agonizante, presa de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será lícito pouparem-se-lhe alguns instantes de angústias, apressando-se-lhe o fim?

Quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir o homem até a borda do fosso, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e alimentar ideias diversas das que tinha? Ainda que haja chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira. A Ciência não se terá enganado nunca em suas previsões? Sei bem haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, existe a possibilidade, atestada por inúmeros exemplos, de o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanimar-se e recobrar por alguns instantes as faculdades! Pois bem: essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância. Desconheceis as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento. O materialista, que apenas vê o corpo e em nenhuma conta tem a alma, é inapto a compreender essas coisas; o espírita, porém, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto o puderdes; mas, guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro.

– S. Luís.(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. V.)

106. A eutanásia é um bem, nos casos de moléstia incurável?

O homem não tem o direito de praticar a eutanásia, em caso algum, ainda que a mesma seja a demonstração aparente de medida benfazeja. A agonia prolongada pode ter a finalidade preciosa para a alma e a moléstia incurável pode ser um bem, como a única válvula de escoamento das imperfeições do Espírito em marcha para a sublime aquisição de seus patrimônios da vida imortal. Além do mais, os desígnios divinos são insondáveis e a ciência precária dos homens não se pode decidir nos problemas transcendentais das necessidades do Espírito.

Emmanuel (O Consolador, obra psicografada por Francisco Cândido Xavier.)

Acobertar a eutanásia é, sem mais nem menos, fazer a defesa de um crime. Não desmoralizemos a civilização contemporânea com o preconceito do homicídio.

CAPÍTULO V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS.

Uma existência humana, embora irremissivelmente empolgada pela dor e socialmente inútil, é sagrada. A vida de cada homem, até o seu último momento, é um subsídio para a harmonia suprema do Universo. Não nos acumpliciemos com a Morte.

BIBLIOGRAFIA:

Espíritos Diversos, Terapêutica de Emergência, (psicografia Divaldo Franco.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo.

Emmanuel, Justiça Divina, (psicografia Chico Xavier.)

Emmanuel, O Consolador, (psicografia Chico Xavier.)

Victor Manuel Pereira de Passos, escritor e palestrante, é membro da Associação Espírita Paz e Amor, em Viana do Castelo, Portugal.

7. Instruções dos Espíritos: 12. Sacrifício da própria vida

29. Aquele que se acha desgostoso da vida mas que não quer extingui-la por suas próprias mãos, será culpado se procurar a morte num campo de batalha, com o propósito de tornar útil sua morte?

Que o homem se mate ele próprio, ou faça que outrem o mate, seu propósito é sempre cortar o fio da existência: há, por conseguinte, suicídio intencional, se não de fato. É ilusória a ideia de que sua morte servirá para alguma coisa; isso não passa de pretexto para colorir o ato e escusá-lo aos seus próprios olhos. Se ele desejasse seriamente servir ao seu país, cuidaria de viver para defendê-lo; não procuraria morrer, pois que, morto, de nada mais lhe serviria. O verdadeiro devotamento consiste em não temer a morte, quando se trate de ser útil, em afrontar o perigo, em fazer, de antemão e sem pesar, o sacrifício da vida, se for necessário. Mas, buscar a morte com premeditada intenção, expondo-se a um perigo, ainda que para prestar serviço, anula o mérito da ação.

— São Luís. (Paris, 1860)

30. Se um homem se expõe a um perigo iminente para salvar a vida a um de seus semelhantes, sabendo de antemão que sucumbirá, pode o seu ato ser considerado suicídio?

Desde que no ato não entre a intenção de buscar a morte, não há suicídio, e sim, devotamento e abnegação, embora também haja a certeza de que morrerá. Mas quem pode ter essa certeza? Quem poderá dizer que a providência não reserva um inesperado meio de salvação para o momento mais crítico? Não poderia ela salvar mesmo aquele que se achasse diante da boca de um canhão? Pode muitas vezes dar-se que ela queira levar, ao extremo, limite, a prova da resignação e, nesse caso, uma circunstância inopinada desvia o golpe fatal.

— São Luiz. (Paris, 1860)

Editorial

Nº 472 – 03/07/2016

O Consolador

VII. Instruções dos Espíritos.

XII. Sacrifício da própria vida

Em torno da dor

“Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias, Deus de toda a consolação, que nos conforta em todas as nossas tribulações, para que, pela consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus, possamos consolar os que estão em qualquer angústia.”

(2 Cor 1, 3-5)

Deus consola os humildes. Não que prefira uns em detrimento de outros. Já diz a sabedoria do evangelho: Deus não faz acepção de pessoas. É que somente os humildes conseguem perceber o consolo.

Assim, Deus transmite a consolação para todos os seres, com a mesma força, com a mesma “quantidade”, com o mesmo amor, mas poucos são os que a compreendem.

Segundo Emmanuel, se aprendermos a compreender, e exercitarmos essa virtude, estaremos, já, amando. A compreensão é um passo para a conquista da indulgência, característica dos protetores.

Paráclito é designação do Espírito Santo. Paráclito, etimologicamente, significa: “aquele que permanece ao lado”; daí ser interpretado como “Consolador”, como muitas bíblias mais antigas interpretaram.

No entanto, esse termo grego, com o tempo, passou a designar “advogado”, como grande parte das bíblias mais modernas interpretam.

A Vulgata, tradução latina do texto grego, contorna o problema não traduzindo o termo, satisfazendo-se com a similitude entre Paráclito e Espírito Santo.

Segundo Emmanuel, a designação Espírito Santo significa uma plêiade de Espíritos redimidos que trabalham em nome de Jesus.

Toda aquisição deve tornar-se útil para nossos irmãos. A nossa experiência com a dor deve ser compartilhada.

Se nossa experiência for de consolação, estaremos em condições de comunicar o consolo recebido. Paulo deixa claro que todo sofrimento deve ser valorizado pela confiança.

O sofrimento do cristão é um privilégio. “porque a vós vos é dado não somente crer em Cristo, mas ainda por ele sofrer.”

(Fl 1, 29)

Somente quem sofre com confiança, resignação e paciência, sofre por Jesus. É necessária a empatia com o coração que sofre para comunicar algum consolo. E só é capaz de empatia quem entende a dor do outro pela própria dor. Daí a importância dos grupos de apoio.

“Fundamentalmente considerada, a dor é uma lei de equilíbrio e educação.” E “a dor segue todos os nossos passos: espreita-nos em todas as voltas do caminho. E, diante dessa esfinge que o fita com seu olhar estranho, o homem faz a eterna pergunta: Por que existe a dor?”

(O problema do ser, do destino e da dor, de Léon Denis, cap. 26)

Os cristãos são acusados de fazer apologia da dor. A própria glória de Jesus foi conquistada com a sacrifício da própria vida.

O que valorizamos, porém, não é a dor em si, e sim a experiência edificante que ela possibilita.

Se bem vivenciada, a dor nos enriquece com virtudes, em especial a humildade.

Ela é importante por ser um meio de reparação de atos equivocados e fonte de esperança.

7. Instruções dos Espíritos: 13. Proveito dos sofrimentos para outrem

31. Os que aceitam resignados os sofrimentos, por submissão à vontade de Deus e tendo em vista a felicidade futura, não trabalham somente em seu próprio benefício? Poderão tornar seus sofrimentos proveitosos a outrem? Podem esses sofrimentos ser de proveito para outrem, material e moralmente: materialmente se, pelo trabalho, pelas privações e pelos sacrifícios que tais criaturas se imponham, contribuem para o bem-estar material de seus semelhantes; moralmente, pelo exemplo que elas oferecem de sua submissão à vontade de Deus. Esse exemplo do poder da fé espírita pode induzir os desgraçados à resignação e salvá-los do desespero e de suas consequências funestas para o futuro.

— São Luís. (Paris, 1860.)

Editorial

Nº 172 – 22/08/2010

O Consolador – (Valci Silva)

VII. Instruções dos Espíritos.

XIII. Proveito dos sofrimentos para outrem

A vida em família

É sabido que a vida em família inicia-se, geralmente, na união de duas pessoas. Em assim sendo, quais são os fins essenciais do casamento? Podemos afirmar sem dúvida alguma que é para a criação de vínculos de amor, compreensão e fidelidade entre marido e mulher, assegurando-lhes o equilíbrio emocional.

Para sermos felizes, todos precisamos de um parceiro (a) com quem partilhar ansiedades, resolver problemas do cotidiano, confiar triunfos e reveses e, principalmente, realizar nossos desejos de dar e receber carinho.

Como consequência, o casal busca a procriação e, tornando-nos pais, não apenas damos cumprimento a uma lei natural, instituída por Deus, como enriquecemos a nossa vida, pois se os filhos nos impõem encargos, também nos motivam a procura de ideais nobres.

Isso nos remete para a estrutura do lar como fator de progresso de todos. Se o lar falhar nos seus deveres para com a criança, muito provavelmente ela também falhará nos seus deveres para consigo mesma, para com a família, para com a sociedade e para com Deus.

Ensinam os Espíritos que “quis Deus que os seres se unissem não só pelos laços de carne, mas também pelos da alma a fim de que a afeição mútua dos esposos se transmitisse aos filhos e que fossem dois, e não um somente, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir”. Isto quer dizer que o casal precisa de uma vida estável e equilibrada.

Qual é a importância desta conduta? Para que uma família seja equilibrada é necessário que o casal esteja e deva ajustar as condições para vencer os obstáculos que a vida apresenta, se ambos se respeitarem e buscarem permanentemente pontos de concordância, pois só assim encontrarão juntos a solução para os pontos de divergências.

Segundo Emmanuel: “através do casal funciona o princípio da reencarnação, de acordo com as leis divinas, possibilitando um dos trabalhos mais elevados de ação do mundo espiritual”. André Luiz (Espírito) ensina que “o lar é conquista sublime que os homens vão realizando vagarosamente”.

Isto quer dizer que o Espírito traz consigo vocação para a união conjugal? É Emmanuel quem orienta: “os deveres assumidos, no campo do amor, no presente, devem prevalecer, acima de quaisquer anseios inoportunos, de vez que o compromisso cria leis no coração, e não se danificarão os sentimentos alheios sem resultados correspondentes na próxima vida”.

O benfeitor espiritual continua a orientar: “os Espíritos situados na faixa de evolução mediana ou acima desta participam mais ou menos ativamente de sua programação reencarnatória e, geralmente, pedem retorno justamente com credores e devedores do passado em ambientes e situações semelhantes às que já viveram e que constituíram obstáculos em suas caminhadas evolutivas.”

Diante de tal explanação, esclarecemos que as reencarnações podem ser de: reajuste e resgate; iniciativa e continuidade; lição e sacrifício; dívidas e créditos; progresso e aperfeiçoamento e recuperação e missão.

Os casamentos podem ser acertados, ou não, quando ainda nos encontramos no mundo espiritual e podem ser classificados na seguinte ordem:

1. Casamentos sublimados, sendo a união de almas engrandecidas no bem, que se unem com a finalidade elevada para realizações de interesse geral. O maior exemplo foi Maria e José, pais de Jesus de Nazaré.
2. Casamento feliz: são almas que possuem grande afinidade. São bastante esclarecidas, que se amam e se consolidam afeições antigas, o que não quer dizer que não enfrentam problemas. No entanto, são facilmente resolvidos em razão da grande afinidade que possuem.
3. Casamento sacrificial: nestes há sacrifícios, renúncia e desprendimento de um dos cônjuges em favor do outro. Um deles apresenta moral bastante elevada e o outro a apresenta bastante baixa.

4. Casamento acidental: ocorre entre as almas que não têm comprometimento espiritual anterior, assim como não há nenhuma programação entre elas para a vida presente, é um imprevisto, que ocorre por atração momentânea e de interesses.

5. Casamento provocacional: são os casamentos em que um dos cônjuges já expiou pelos erros cometidos na vida a dois em encarnação anterior. São casamentos em que ambos serão avaliados no grau de aprendizado e da vivência das leis divinas.

6. Casamento expiatório: os Espíritos são devedores e possuem dívidas que precisam ser quitadas, entre eles mesmos ou perante as leis divinas. Normalmente são casamentos difíceis de serem suportados, marcados por trovoadas e tempestades. Porém, o casal pode superar as adversidades, modificando o estado da união.

Quais seriam diante destas realidades as causas importantes para o sucesso do matrimônio e da família? A intensa capacidade de afeto ou grande consideração, a maturidade emocional, a habilidade em comunicar-se, a disposição constante de se alegrar com o outro e de participar de acontecimentos com ele, a habilidade em lidar com tensões e diferenças, de forma construtiva, a disposição e bom humor, o conhecimento e aceitação dos limites do outro e a capacidade de perdoar.

Mesmo entre os casais onde haja grande sentimento ou amor, não havendo estes atributos, dificilmente o casal logrará êxito na jornada encarnatória, desperdiçando oportunidade valiosa de crescimento e evolução.

É preciso, portanto, preparar-se para a vida, em todos os sentidos, para que quando surja a oportunidade de se viver com outrem, estejamos minimamente preparados para a vida a dois e, conseqüentemente a vida em família.